

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CORA CORALINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE - POSLLI

ELISSANDRA DE LIMA GOUVEIA DE MORAES

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS:**  
a diversidade cultural no ensino fundamental em Barra do Garças/MT

Cidade de Goiás  
2023

ELISSANDRA DE LIMA GOUVEIA DE MORAES

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS:**

a diversidade cultural no ensino fundamental em Barra do Garças/MT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Conti de Freitas

Cidade de Goiás  
2023



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

### Dados do autor (a)

Nome completo: Elissandra de Lima Gouveia de Moraes

E-mail: [gouveiaelissandra@gmail.com](mailto:gouveiaelissandra@gmail.com)

### Dados do trabalho

Título: **PRÁTICAS DE LETRAMENTOS:** a diversidade cultural no Ensino Fundamental em Barra do Garças/MT

### Tipo:

Tese  Dissertação

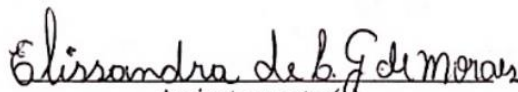
**Curso/Programa:** Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslii) da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina – Unidade da Cidade de Goiás/GO.

### Concorda com a liberação documento

SIM  NÃO

<sup>1</sup> Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Cidade de Goiás, 06 de dezembro de 2023

  
Assinatura autor(a)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CARLA CONTI DE FREITAS  
Data: 17/12/2023 17:22:26-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

M828p Moraes, Elissandra de Lima Gouveia de.  
Práticas de letramentos : a diversidade cultural no ensino fundamental em Barra do Garças/MT [manuscrito] / Elissandra de Lima Gouveia de Moraes. – Goiás, GO, 2023. 104 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Conti de Freitas.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Língua portuguesa. 1.1. Letramento. 1.2. Diversidade cultural. 1.3. Interculturalidade. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 811.134.3'37

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

# FOLHA DE APROVAÇÃO



## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

### UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

## ATA DE EXAME DE DEFESA 25/2023

Aos vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três às quinze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Elissandra de Lima Gouveia de Moraes, intitulado “ **PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: a diversidade cultural no Ensino Fundamental** ”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Carla Conti de Freitas – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Daniella de Souza Bezerra (IFG), Dra. Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, ( ) aprovada com ressalvas, ( ) reprovada com as seguintes exigências (se houver): **O título do trabalho foi alterado para: PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: diversidade cultural no Ensino Fundamental em Barra do Garças/MT**

---

---

---

---

Cumpridas as formalidades de pauta, às \_\_18:00\_\_ a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, \_\_22\_\_ de \_\_\_\_Novembro\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Prof.a. Dra. Carla Conti de Freitas (POSLLI/UEG)

\_\_\_\_\_  
Prof.a. Dra. Daniella de Souza Bezerra (IFG)

\_\_\_\_\_  
Prof.a. Dra. Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG)

Página de assinaturas

**Daniella Bezerra**  
974.913.901-10  
Signatário

**Cristiane Lopes**  
515.739.701-15  
Signatário

Assinado eletronicamente

**Carla Freitas**  
564.590.761-20  
Signatário

HISTÓRICO

- |                         |  |                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11 dez 2023<br>11:06:56 |  | <b>Flávyo Santos Teles</b> criou este documento. (E-mail: sec.poslli@ueg.br)                                                                                                            |
| 11 dez 2023<br>11:23:58 |  | <b>Carla Conti de Freitas</b> (E-mail: carla.freitas@ueg.br, CPF: 564.590.761-20) visualizou este documento por meio do IP 139.47.63.104 localizado em Valladolid - Valladolid - Spain  |
| 17 dez 2023<br>17:05:20 |  | <b>Carla Conti de Freitas</b> (E-mail: carla.freitas@ueg.br, CPF: 564.590.761-20) assinou este documento por meio do IP 191.250.5.136 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil            |
| 11 dez 2023<br>18:51:35 |  | <b>Cristiane Rosa Lopes</b> (E-mail: cristiane.lopez@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) visualizou este documento por meio do IP 143.202.5.139 localizado em Campos Belos - Goiás - Brazil    |
| 11 dez 2023<br>18:51:51 |  | <b>Cristiane Rosa Lopes</b> (E-mail: cristiane.lopez@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) assinou este documento por meio do IP 143.202.5.139 localizado em Campos Belos - Goiás - Brazil       |
| 11 dez 2023<br>12:28:33 |  | <b>Daniella de Souza Bezerra</b> (E-mail: daniella.bezerra@ifg.edu.br, CPF: 974.913.901-10) visualizou este documento por meio do IP 200.17.57.4 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 11 dez 2023<br>12:29:17 |  | <b>Daniella de Souza Bezerra</b> (E-mail: daniella.bezerra@ifg.edu.br, CPF: 974.913.901-10) assinou este documento por meio do IP 200.17.57.4 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil    |



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento  
Hash SHA256 do PDF original #f1fef047eb99691bd8b8289275e25d4ef82f0dfb0467c8c98fd8dd2650b9bef1  
<https://valida.ae/396e96f6fb0869591ed5d7fbf103ca30b208c6471dd964289>



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado e me dado força durante toda minha trajetória.

Aos meus familiares, principalmente, ao meu esposo, Ademilson, por me apoiar e por acreditar em meus potenciais.

Aos meus filhos, Emilly, Emilson e Eloiza, que acompanharam meu esforço e sempre estiveram ao meu lado, por entenderem minhas ausências e pelo amor incondicional dedicado a mim.

A minha orientadora querida, Profa. Dra. Carla Conti de Freitas, por ter me conduzido em todas as etapas com sua experiência, dedicação e profissionalismo.

A todos os professores das disciplinas cursadas por mim no Programa de PósGraduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Cora Coralina, sobretudo aos professores: Dr. Eduardo Batista da Silva, Dr. Hélivio Frank de Oliveira, Dra. Cristiane Rosa Lopes, Dra. Marília Vieira e Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira, pelas discussões e pelas contribuições teóricas, que foram significativas para a elaboração desta dissertação.

O processo de escrever é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem e de preguiça, desespero e esperança, de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era ‘nada’ era o próprio assustador contato com a tessitura de viver – e esse instante de reconhecimento, esse mergulhar anônimo na tessitura anônima, esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência de que é feito. O processo de escrever é difícil? Mas é como chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita.

Clarice Lispector



MORAES, Elisandra de Lima Gouveia de. **Práticas de letramentos: a diversidade cultural no ensino fundamental em Barra do Garças/MT**, 2023. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

## **RESUMO**

O espaço escolar é formado por diversas culturas, o que torna fundamental práticas de letramentos que considerem os elementos interculturais. Esta pesquisa, cujo tema foi diversidade cultural na sala de aula em relação às diferentes linguagens, teve como objetivo geral analisar como professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Barra do Garças, MT, lidam com a diversidade cultural na sala de aula em relação às diferentes linguagens. Trata-se de um estudo qualitativo e interpretativo, instrumentalizado pela análise da BNCC e a realização de uma entrevista com professoras de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental. Procedeu-se uma discussão sobre a concepção bakhtiniana de linguagem, destacando os estudos sobre questões da diversidade cultural e da interculturalidade, sob perspectivas de Chauí (2008), García Canclini (1997), Saviani (1997, 2000,2003) e Walsh (2005), bem como a relação entre esses conceitos e as práticas de letramentos nas aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental, com base nas discussões de Monte Mor (2007), Freitas (2019), Rojo (2012) entre outros. Concluiu-se que os professores investigados buscam o reconhecimento das diversas linguagens presentes na sala de aula, promovendo compreensão e reconhecimento das diferenças linguísticas na sociedade; buscam formação continuada e cursos de extensão na área; tentam diminuir as discordâncias na sala de aula que surgem devido à heterogeneidade da turma, com salas superlotadas, explorando assim, as relações de diferentes formas da linguagem presentes na comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interculturalidade. Letramento. Diversidade cultural. Língua Portuguesa.

MORAES, Elisandra de Lima Gouveia de. **Literacy practices: cultural diversity in elementary education in Barra do Garças/MT, 2023.** Dissertation (Masters in Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina Campus, State University of Goiás, 2023.

### **ABSTRACT**

The school space is made up of different cultures, which makes literacy practices that consider intercultural elements essential. This research, whose theme was cultural diversity in the classroom in relation to different languages, had the general objective of analyzing how Portuguese language teachers in elementary school at a municipal school in Barra do Garças, MT, deal with cultural diversity in the classroom. class in relation to different languages. This is a qualitative and interpretative study, instrumented by documentary analysis of the Portuguese Language curricular proposal of this school, analysis by the BNCC and, the application of a questionnaire, which turned into an informal interview with Portuguese language teachers from the 5th year of Elementary School. A discussion was held on the Bakhtinian conception of language, highlighting studies on issues of cultural diversity and interculturality, from the perspectives of Chauí (2008), García Canclini (1997), Saviani (1997, 2000,2003) and Walsh (2005 ), as well as the relationship between these concepts and literacy practices in Portuguese language classes in elementary school, based on discussions by Monte Mor (2007), Freitas (2019), Rojo (2012) among others. It was concluded that the teachers investigated seek recognition of the different languages present in the classroom, promoting understanding and recognition of linguistic differences in society; seek continuing education and extension courses in the area; they try to reduce disagreements in the classroom that arise due to the heterogeneity of the class, thus exploring the relationships between different forms of language present in the community.

**KEYWORDS:** Interculturality. Literacy. Cultural diversity. Portuguese language.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Coralina, Cidade de Goiás/GO.....	13
Figura 2- Escola Pluricultural Odé Kayodê.....	15
Figura 3- Ambiente externo para estudos da Escola Pluricultural Odé Kayodê.....	17
Figura 4- Vista da entrada da Escola Rural/ Fazenda Pousada do Sossego.....	18
Figura 5- Apresentação da peça teatral – “Frozen: uma aventura congelante”.....	20
Figura 6- Confeção de avental pedagógico para contar histórias – Workshop.....	20
Figura 7- Sala de estudos da Escola Pluricultural Odé Kayodê.....	21
Figura 8- Indígena da etnia xavante, participante das formações ofertadas pela Secretaria de Educação de Barra do Garças/MT.....	80
Figura 9- Card da IV Jornada Formativa.....	81
Figura 10- Card da formação continuada aos professores dos Centros de Educação Básica Indígena de Barra do Garças.....	93

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Organização textual da dissertação .....	23
Quadro 2- Questionário aplicado às professoras durante a entrevista.....	29
Quadro 3- Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.....	72
Quadro 4- Competências para a área de Linguagens.....	73

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
MT	Mato Grosso
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
POSLLI	Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1- METODOLOGIA</b> .....	25
1.1 Caracterização da pesquisa quanto ao tipo e à abordagem.....	25
1.2 Contexto e participantes .....	28
1.3 Instrumentos de pesquisa.....	29
1.4 Etapas da pesquisa .....	30
<b>CAPÍTULO 2- DA LINGUAGEM AOS LETRAMENTOS: OS PRISMAS TEÓRICOS SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA</b> .....	31
2.1 Concepção de linguagem.....	31
2.2 Diversidade cultural e interculturalidade.....	35
2.3 Interculturalidade nas aulas de Língua Portuguesa .....	57
2.4 Letramentos .....	61
<b>CAPÍTULO 3- A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I SOB O PRISMA DA BNCC E DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MATO GROSSO</b> .....	70
3.1 O que diz a BNCC? .....	70
3.2 Formação de professores e a diversidade cultural no município de Barra do Garças-MT	79
<b>CAPÍTULO 4- O QUE DIZEM OS PROFESSORES?</b> .....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	100

## INTRODUÇÃO

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terá o que colher.”

(Cora Coralina)

Nas minhas viagens à Cidade de Goiás, como mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, POSLLI/UEG – Câmpus Cora Coralina (Figura 1), tive grandes experiências durante as aulas e adquiri novos saberes, o que fez aumentar ainda mais minha inquietação sobre a escolha do tema desta pesquisa, pois sempre quis aprofundar meus conhecimentos acerca da diversidade cultural em seus diversos aspectos, trazer uma discussão sob um olhar reflexivo como professora pesquisadora graduada em Pedagogia e em Letras e contribuir com as propostas de ensino de Língua Portuguesa as quais possibilitem abrir caminhos para novas possibilidades, capazes de transformar perspectivas na Educação contemporânea por meio dos letramentos.

Figura 1 - UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás/ GO



Fonte: Acervo da autora (2022)

Nas disciplinas cursadas, foram compartilhados materiais que ajudaram muito em minha pesquisa. Dentre elas, a Disciplina “Formação de Professores de Línguas”, com a

professora doutora Cristiane Rosa Lopes, momento em que percebi o quão importante é uma formação de professores que pensem na diversidade cultural, especialmente, nas múltiplas linguagens e na cultura dos alunos. Ao fim das aulas dessa disciplina, fizemos uma visita à “Escola Pluricultural Odé Kayodê” (Figura 2) e participamos de uma roda de conversa com professoras, coordenadora e diretora.

Quando chegamos à escola, fomos recebidos no portão pela diretora. Lá estava uma turma de alunos, numa sala, com um professor assistindo a um filme, observamos do lado de fora para não tirar a atenção deles.

Interessante dizer que cada sala tem um nome de pássaro, como: colibri, beija-flor entre outros. Assim, com características bem diferenciadas e ensino transdisciplinar com aulas criativas, nas quais se valoriza a educação para a vida.

A escola tem uma estrutura diferente das outras. Lá os alunos circulam diariamente pelos caminhos de pedras, degraus de madeira e brincam embaixo das árvores. As áreas abertas são compostas por esculturas e diferentes símbolos. Durante o ano letivo, têm festividades e apresentações dos alunos para as famílias da comunidade da Vila Esperança, onde a escola é situada, às margens do Rio Vermelho. Os alunos estudam música, praticam capoeira e trabalham sempre em grupos, pois levam em consideração o contexto em que vivem. Nessa escola, todos se doam e buscam a difusão de culturas, com práticas e competências transformadoras significativas no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o processo de ensino da escola é planejado de forma coletiva, todos participam do planejamento das aulas e dos projetos: gestores, professores, alunos e pais. Falam-se muito em espaço de vivências contínuas no processo de ensino e aprendizagem, buscam harmonia no dia a dia por meio de rodas de conversas, nas quais são formados grupos com diferentes identidades, cada um com sua história e diferentes conhecimentos, que possibilitam um espaço de afetividade e uma boa interação entre eles.

Interessante falar também no que tange ao trabalho dos professores diante da diversidade cultural que está presente naquele lugar. Eles preservam os costumes tradicionais levando em conta as culturas afro-brasileira, indígenas e africanas, buscam reconhecer todos os elementos culturais desses grupos por meio de uma educação circular, um jeito dinâmico de ensinar e aprender. A dedicação dos professores da escola Pluricultural Odé Kaye é visível e isso estimula os alunos na aprendizagem, eleva a autoestima e os leva a alcançar seus objetivos.

Assim, destaco que não basta ir para a sala de aula munido de conhecimentos, é preciso mais do que isso, o professor precisa encantar os alunos por meio de sua aula, saber



reconhecer as diferenças culturais de seu alunado e buscar por diferentes saberes que possam transformar o contexto escolar contemporâneo.

Considero que, para repensar o modelo de ensino não basta desenvolver novas estratégias com recursos modernos, como ocorre muitas vezes. Embora isso possam ser formas reinventadas de educação, é interessante discutir sobre o ensino intercultural na contemporaneidade, pois é essa compreensão que ajudará a fortalecer novas pesquisas por meio de diferentes olhares, especialmente no que concerne às diferenças culturais.

Figura 2 - Escola Pluricultural Odé Kayodê



Fonte: Acervo da autora (2022)

Ao passear pela escola, vi uma sala fechada que estava cheia de crianças. Um professor abriu a porta e me recebeu. Eles estavam assistindo a um filme, era uma sessão cineminha, todas as crianças estavam concentradas. Também fui até o jardim, lá estava um pequeno grupo de crianças com uma professora, todas em pé, de mãos dadas, em forma de círculo e logo, as crianças começaram a cantar. Era uma brincadeira cantada, e, como eram crianças menores, entendi que elas eram mais agitadas e não conseguiram participar da sessão cineminha com as outras crianças. Continuaram de mãos dadas em círculo, sentaram-se e continuaram a brincadeira. Esse momento foi muito importante e pude perceber um vínculo afetivo entre a professora e as crianças, pois aquela era a ocasião própria para conversar com elas, e, principalmente, ouvi-las, naquela tarde tão especial, em que foi possível conhecer diferentes culturas.

No âmbito desta pesquisa, as relações dos alunos com seus professores no espaço escolar e a forma como o professor desenvolve seu trabalho são de fundamental importância

para o crescimento do educando na sociedade. Na “Escola Pluricultural Odé Kayodê”, as crianças são estimuladas por meio das dinâmicas que possibilitam a elas a atividade de se expressarem naturalmente durante seu período escolar. Além dessas distinções que relatei, despertou-me curiosidade o nome da escola. Uma professora que trabalha na instituição falou que, na língua iorubá, “Odé” significa caçador e “kayodê”, quer dizer alegria. Nesse sentido, a escola tem como lema “caçadora de alegria”, palavras que demonstram sua concepção filosófica, além de ser um por espaço com práticas pedagógicas diferenciadas, que possibilitam a difusão de culturas, e traz à educação perspectivas de crescimento do indivíduo, levando-se em consideração seu contexto sociocultural. É gratificante poder conhecer um ambiente escolar tão diferente, com um ensino dinâmico, no qual se percebe a riqueza da diversidade humana.

As atividades realizadas, na Escola Pluricultural Odé Kayodê, permitem mais liberdade para as crianças se expressarem e ampliam a criatividade delas por meio de situações intencionais. Vale dizer que o ambiente é bem cuidado e chamativo, as salas ficam em diferentes espaços em meio às plantas. Nesse local, existem degraus de madeira, jogos, livros e uma mobília rústica, móveis simples de madeira, os quais, juntos, compõem um cenário que prende os olhos de quem visita a escola.

Sob esse olhar é que compreendo o espírito motivador de uma escola transformadora que valoriza os elementos culturais e permite o desenvolvimento da autonomia de todos os envolvidos no processo educacional. Todos esses aspectos ajuda as crianças a alcançarem seus objetivos com autoconfiança e atitudes mais criativas, pois faz com que elas enfrentem desafios aprimorando suas habilidades cognitivas.

Ressalto que o modelo de ensino que a escola apresenta possibilita uma educação que reconhece a diversidade cultural e garante um ambiente integrador (Figura 3) por meio de uma linguagem afetiva, em que existe respeito mútuo.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

Afirmo que as experiências vivenciadas nesse espaço escolar foram determinantes para as reflexões e problematizações, auxiliando-me na compreensão de que a escola pode promover, independentemente da cultura de cada um, o encantamento de todos. Aquele foram momentos de trocas de experiências. A equipe gestora nos guiou até uma sala com uma linda decoração. Com as cadeiras em círculo, sentamo-nos, eu, minha professora e meus colegas, e todos se apresentaram. Então, a diretora nos contou um pouco da história da escola, as formas de ensinar, falou sobre as famílias dos alunos e do trabalho da escola com a comunidade.

Isso me fez lembrar da minha carreira como professora e minhas conquistas nessa trajetória na educação. Aos 19 anos de idade, iniciei a licenciatura em Pedagogia, visto que era desejo meu ser professora desde menina, quando eu estudava num colégio interno de freiras. Como eu, naquela época, morava na fazenda, estudar não era nada fácil, apesar de eu nunca ter-me afastado dos livros, e de sempre ter tido gosto pela leitura e de ficar fascinada com livros de história e literatura.

Aos 17 anos, casei-me com um pecuarista. Na minha família, casam-se cedo e a maioria casa-se com primos, tradição da família mineira, comigo não foi diferente. Fui morar em uma fazenda distante, e vi, naquele lugar, grande quantidade de crianças sem estudar. Foi, então, que decidi fazer algo para mudar aquela realidade, ser professora “estava no meu sangue”.

Certo dia, resolvi planejar e abrir uma escola rural (Figura 4) momento em que procurei o prefeito e pedi apoio. Montei o processo, consegui alunos que viviam nas

proximidades do lugar onde eu morava e logo comecei a ministrar aulas para eles. No início, tinha 17 alunos matriculados. Era uma turma multisseriada, formada por crianças e adultos de diferentes idades e com níveis de escolaridade variados. A partir daí, aumentou ainda mais minha inquietação sobre a diversidade, pois os alunos, que ali estudavam, tinham culturas diferentes, maneiras diferentes de falar, pois muitos pertenciam a famílias de outros lugares, outras regiões e traziam consigo seus costumes e seus sotaques.

Figura 4 - Vista da entrada da Escola Rural/ Fazenda Pousada do Sossego



Fonte: acervo da autora (2012)

Ademais, também tinha alunos adultos, de classe social diferente, donos de fazenda e de máquinas agrícolas, os quais vieram da cidade e tinham um grau de conhecimento um pouco maior. Estes desejavam terminar o Ensino Fundamental, dar continuidade aos estudos para um dia fazer o Ensino Médio. Tive, ainda, alunos indígenas, da etnia Xavante, nos quais pude perceber a grande dificuldade de interação entre os demais da turma, devido à dificuldade de compreender a língua. Então, é preciso trabalhar essa diversidade a partir da própria realidade linguística do aluno, pois:

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e um realidade. Assim, aprendê-la é aprender não assim como palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais como pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1997, p. 22).

Na escola do campo, mesmo com poucos recursos tecnológicos, são apresentadas uma vasta diversidade em meios culturais. A sala composta por alunos de diferentes idades, até

mesmo adulto em uma mesma sala com aprendizados e costumes diferenciados são postos a prova pelos quais todos precisam alcançar seus objetivos.

Recordo-me de que o dialeto caipira estava presente, pois grande parte dos alunos eram filhos de sertanejos, que vieram para a região em busca de emprego como vaqueiro ou para mexerem com a terra para plantar. Aprendi muito com esses desafios.

Todo falante, não importa o lugar em que ele vive, seja no campo seja na cidade, tem a capacidade de se expressar e de interagir com o outro, trazendo características importantes da cultura em que ele está inserido, pois cada sujeito traz em sua fala seus aspectos culturais e é possível aprender com eles.

Nesse contexto, é interessante refletir sobre as práticas docentes e o que está sendo trabalhado em sala de aula, buscar olhar para novas possibilidades e não focar apenas na transmissão de conteúdo, refletir de forma crítica sobre esses conteúdos e sobre a realidade circundante. Proporcionar um ensino que promova a interculturalidade, reformule ideias e busque a essência das identidades das pessoas, por meio da interação e compreensão, respeitando a realidade de cada um.

Os alunos aprenderam normalmente, mesmo sendo em uma turma multisseriada, sem perderem a essência de sua cultura. Reafirmo que a escola na fazenda mantém ligação com a sociedade. As famílias do espaço rural lutam para que seus filhos adquiram conhecimentos para assim terem oportunidades de conseguir um trabalho qualificado.

Voltando à minha trajetória profissional, fui trilhando caminhos em busca de novos conhecimentos e práticas diferenciadas para conseguir ensinar uma turma tão heterogênea. Mantive a escola rural por 12 anos. Após esse período, passei no concurso para professora e fui morar na cidade de Barra do Garças-MT, onde resido até hoje. Em seguida, comecei a desenvolver projetos na escola e trabalhar com teatro, fiz várias peças teatrais (Figura 5).



Fonte: Acervo da pesquisadora (2013)

Percebi que estava no caminho certo e, cada vez mais, eu queria aprender sobre questões culturais. Em 2013, resolvi fazer minha segunda licenciatura em Letras/Inglês. Nessa mesma época, passei a ministrar aula no ensino fundamental I e II em Barra do Garças. Fui adentrando na carreira docente cada vez mais. Comecei a participar de seminários, palestras e tudo que pudesse contribuir para meu crescimento na educação. Foi, então, que me tornei professora universitária ao passar num processo seletivo do Centro Universitário Cathedral em 2016. Passei a ministrar aula à noite no curso de Pedagogia. Comecei com três disciplinas: Língua Portuguesa, Didática e Alfabetização/Letramento e, no ano seguinte, passei a orientar estágios dos acadêmicos do último semestre do curso. Fiquei ainda mais encantada pela docência, passei a desenvolver projetos e workshops para professores do ensino fundamental e da educação infantil (Figura 6).

Figura 6 - Confeção de avental pedagógico para contar histórias – Workshop



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

Diante das vivências na minha trajetória docente e, ao conhecer a Escola Pluricultural Odé Kayodê, escola comunitária que contempla as culturas africanas, afro-brasileiras e também indígenas, percebi que as práticas de ensino devem promover o entusiasmo dos alunos. Nessa escola, foi possível perceber o envolvimento dos alunos nas aulas e a harmonia que existe entre eles. A escola oferta a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental (Figura 7).

Figura 7 - Sala de estudos da Escola Pluricultural Odé Kayodê



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

Nessa perspectiva, destaco a importância de pensar o ensino escolar por meio de novos saberes a partir de estudos e metodologias mais plurais e que possibilitem o reconhecimento da diversidade como um todo e leve a novas reflexões. Sob esse olhar, um tanto complexo e transdisciplinar, busco uma educação que seja aberta à diversidade cultural em todos os aspectos e, mesmo que os estudos sobre essa temática assinalam aprofundamentos para uma educação no contexto atual que considere as culturas, destaco que ainda é necessário ampliar discussões em relação ao assunto, aumentando oportunidades a um ensino que seja aberto às diferenças.

Passei por esses desafios a partir de diferentes contextos e, por isso, percebo a importância de analisar como o professor se posiciona diante de suas práticas em relação à diversidade linguística, sem excluir a diversidade.

Assim, o interesse pela temática constitui um esforço a mais para enriquecer os estudos sobre a diversidade cultural no ensino de Língua Portuguesa, com ênfase nas práticas de letramentos, na linha de pesquisa 1: “Estudos de língua e interculturalidade”. Dessa maneira, essa discussão permite uma reflexão sistematizada sobre as manifestações

linguísticas no contexto escolar e desperta a compreensão dos valores relacionados à língua/cultura, vivenciados no dia a dia dos alunos do ensino fundamental em suas práticas sociais.

É sabido que a Língua é um recurso de comunicação muito importante, especialmente, para uma sociedade multicultural como a de hoje. Nos estudos da linguagem, vale assinalar que a comunicação teve e tem papel essencial, no entanto, essa atribuição nem sempre foi julgada de forma positiva para a linguagem em geral, para as línguas naturais do homem, assim como não é um ponto claro de que uma das principais funções da linguagem seja a comunicação.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Barra do Garças, Mato Grosso, com as professoras de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessa escola se deveu ao fato de ela estar localizada em Barra do Garças, na divisa entre os Estados de Mato Grosso e Goiás, e, como é uma escola grande, recebe alunos dos assentamentos, alunos indígenas, argentinos, bolivianos e aragarcenses, inclusive o guarda da escola é indígena da etnia Xavante, e sobretudo, por eu ser professora do município, aproxima a pesquisa de minha área de estudo.

Inicialmente, o propósito era pedir que as professoras respondessem a um questionário, mas, depois, amadurecida a ideia, realizei com elas, na própria escola, uma entrevista, a partir desse questionário, que serviu de roteiro. Primeiramente, conheci toda a escola, após isso, é que efetuei a entrevista.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou respostas para estes questionamentos: como os professores fazem o letramento no ensino fundamental (EF)? Há percepção da diversidade cultural? O objetivo geral foi analisar se as práticas de letramentos no Ensino Fundamental (EF) abordam a diversidade cultural, porque entendo que a escola, além de ser uma instituição de ensino, é palco das diferenças e é formada por uma grande diversidade de culturas que constitui a sociedade. Com o intuito de cumprir essa premissa, elenquei os objetivos específicos, a saber: analisar as práticas de letramentos presentes nas praxiologias dos professores de Língua Portuguesa no ensino fundamental; discutir desdobramentos acerca da diversidade cultural na Base Comum Curricular (BNCC); reconhecer as formas de reconciliar valores e perspectivas culturais diferentes ao abordar as práticas de letramentos no ensino fundamental.

Assim, com esta pesquisa sobre as práticas de letramentos no ensino fundamental (EF) acerca da diversidade cultural, procuro inspirar outros professores e pesquisadores a pensarem em formações voltadas para os saberes que possibilitem reconhecer a relevância dessas



práticas de letramentos tão necessárias em sala de aula, reconhecendo que é preciso articular a linguagem, o que é importante nesse mundo construído por misturas de raças.

Para a execução da pesquisa, optei por um estudo qualitativo e interpretativo, além, evidentemente, da pesquisa bibliográfica, pautada em estudiosos como Bakhtin (1997), Rojo (2009), Saviani (1997, 2000, 2003), Eagleton (2011), Antunes (2003), Candau (2012), García Canclini (1997) e Kleiman (2014), os quais analisam e discutem questões relevantes sobre o tema proposto.

Nessa conjuntura, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro apresento os caminhos metodológicos trilhados nesta pesquisa de forma detalhada: os instrumentos, os participantes envolvidos e os passos que favoreceram o desenvolvimento deste estudo. No segundo está pautado a fundamentação teórica, com abordagens sobre a concepção de linguagem a partir das reflexões bakhtinianas, proporcionando, assim, maior entendimento sobre a relação entre o funcionamento da linguagem e os elementos culturais. Nesse mesmo capítulo, discuto a diversidade cultural e as concepções da interculturalidade. Depois, abordo os letramentos sob uma perspectiva social e cultural, com um olhar reflexivo voltado à educação linguística no ensino fundamental, considerando as transformações sociais. Desse modo, proponho, neste capítulo, a busca de um olhar para o ensino de Língua Portuguesa, como componente curricular a partir da análise documental.

No terceiro capítulo, também ligado à parte de referencial teórico, apresento as recomendações do BNCC e foco nas aulas de língua portuguesa, e na formação dos professores de Barra do Garças.

No quarto capítulo, apresento os dados colhidos na entrevista e os discuto à base da teoria abordada. Por fim, sem a pretensão de pôr um fim ao estudo, teço as considerações finais.

Apresento a seguir o Quadro 1, que sintetiza a organização desta dissertação.

**Quadro 1** - Organização textual da dissertação

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<p style="text-align: center;"><b>METODOLOGIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterização da pesquisa quanto ao tipo e à abordagem</li> <li>• Contexto e participantes</li> <li>• Instrumentos de pesquisa</li> <li>• Etapas da pesquisa</li> </ul>

<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>DA LINGUAGEM AOS LETRAMENTOS: OS PRISMAS TEÓRICOS SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Concepção de linguagem</li> <li>• Diversidade cultural e interculturalidade</li> <li>• Letramentos</li> </ul>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que diz a BNCC?</li> <li>• Formação de professores e a diversidade cultural no município de Barra do Garças-MT</li> </ul>
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>O QUE DIZEM OS PROFESSORES</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

## CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA

### 1.1 Caracterização da pesquisa quanto ao tipo e à abordagem

O ensino da linguagem exerce importante papel na educação formal (escolarizada), pois através dele se constrói o conhecimento em diferentes áreas. As pesquisas relacionadas à área da Linguística se ocupam de questões importantes centradas na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula. Naturalmente, a linguagem faz parte da construção das realidades sociais e possibilita interpretar as vivências do mundo, uma preocupação relacionada à interculturalidade.

As questões e os objetos desta investigação me levaram a adotar uma modalidade qualitativa, que fornece um quadro mais detalhado e amplo de estudo, a fim de possibilitar uma análise sobre as práticas de letramentos e a promoção da diversidade cultural no meio escolar. Nesse sentido, é importante destacar os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, que, na perspectiva de Triviños (1987):

O avanço das ideias facilitou o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. Frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais, começaram a elaborar-se programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor 'alternativas metodológicas' para a pesquisa em educação. As propostas novas, como às vezes ocorre para os menos experientes, produziram algum nível de confusão. E sem maior reflexão eles decidiram eliminar toda possibilidade quantitativa na investigação e optar definitivamente pela exaltação do qualitativo na pesquisa em educação e em todos os aspectos possíveis de estudar no sistema educacional (TRIVIÑOS, 1987, p. 16).

Nesse contexto, o percurso metodológico desta pesquisa levou em consideração a necessidade de direcionar o caminho dos objetivos do estudo. Apresento aqui o conceito da pesquisa qualitativa segundo Triviños (1987):

Para alguns autores a Pesquisa Qualitativa é uma "expressão genérica". Deve-se verificar que ela possui atividades de investigação que se apresentam de forma específica e possuem características de traços comuns. Devendo-se perceber dois aspectos: o primeiro, as peculiaridades da pesquisa qualitativa e o segundo, as modalidades dos tipos de investigação. A pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira mais ou menos naturalística, e na sua tradição antropológica ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns a definem como sendo 'o estudo da cultura'. Cabe aqui salientar algumas de suas denominações: A pesquisa qualitativa é conhecida também como 'estudo de campo', 'estudo qualitativo', 'interacionismo simbólico', 'perspectiva interna', 'interpretativa', 'etnometodologia', 'ecológica', 'descritiva', 'observação participante', 'entrevista qualitativa', 'abordagem de estudo de caso', 'pesquisa participante', 'pesquisa fenomenológica', 'pesquisa-ação', 'pesquisa naturalista', 'entrevista em profundidade', 'pesquisa qualitativa e fenomenológica', e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois

76 aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Sendo assim, a abordagem qualitativa tem sido bastante utilizada para todas as formas de investigação que se baseiam na utilização de dados qualitativos, incluindo os estudos de caso, visto que possibilita entendimento acerca de importantes reflexões sobre diferentes dimensões do objeto estudado. De acordo com Triviños (1987), na década de 1970, três importantes bases teóricas tiveram influência nesse tipo de pesquisa: o enfoque estrutural-funcionalista, o enfoque fenomenológico e o enfoque histórico-estrutural que faz uso do método materialista dialético. Assim:

Estas três bases teóricas, a estrutural-funcionalista, a fenomenológica e a materialista dialética, tornam impossível uma definição da pesquisa qualitativa em termos que satisfaçam os requisitos destas direções fundamentais. Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apóie o pesquisador. [...] cabe levantar três ressalvas. Em primeiro lugar, esta dificuldade para definir a pesquisa qualitativa com validade absoluta não significa que não sejamos capazes de caracterizá-la através de peculiaridades essenciais que justifiquem sua existência. [...] Em segundo lugar, apesar de haver afirmado que a dimensão teórica da pesquisa qualitativa seria dada pelo pesquisador, devemos afirmar, sem que isto se constitua numa proposição essencial, que o tipo de pesquisa qualitativa denominada 'pesquisa participante' (ou 'participativa') pode prestar-se melhor a um enfoque dialético, histórico-estrutural que tenha por objetivo principal transformar a realidade que se estuda. Em terceiro lugar, não obstante reconhecer os obstáculos que existem para caracterizar genericamente a pesquisa qualitativa, vamos intentar esboçar um corpo de ideias que trazem uma linha identificadora deste tipo de investigação. Nossa tentativa peca, talvez, por ser relativamente parcial, já que, quando assinalamos traços peculiares, estamos com a ideia em mente, de maneira principal, do enfoque qualitativo de natureza fenomenológica (TRIVIÑOS, 1987, p. 125-126).

Nessa perspectiva, optei elaborar esta pesquisa por meio da abordagem qualitativa interpretativa, por compreender que, em meus estudos e análises de documentos, somado às experiências a partir das concepções das professoras participantes, poderia entender melhor a forma que cada um vê seus trabalhos em relação ao tema estudado. A partir da abordagem do autor, é possível reconhecer que, além de tudo, as pesquisas precisam despertar interesse e favorecer aos interesses sociais. Por isso cabe afirmar que, para Triviños (1987, p. 133), o pesquisador, que utiliza o enfoque qualitativo, terá mais liberdade teórica nessa forma metodológica para desenvolver suas pesquisas, afinal, “[...] Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico [...]”.

Dessa forma, a análise dos dados foi feita sobre abordagem qualitativa que, de acordo com Eisner (1991), possibilita ao pesquisador, dentre tantas vantagens, interpretar qual o

verdadeiro significado de uma situação para os sujeitos da pesquisa e faz com que ele perceba assim, as particularidades de cada contexto. Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como:

[...] um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Ademais, esse estudo de caso, considera as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do plano de ensino de Língua Portuguesa em uma escola municipal da cidade de Barra do Garças-MT. Posso afirmar que não foi tarefa fácil como pesquisadora discutir a diversidade cultural na escola, principalmente no Ensino Fundamental na cidade de Barra do Garças, onde as salas de aulas dessa etapa são bastante heterogêneas.

A definição do problema de pesquisa, às vezes, torna-se árdua, especialmente quando as pessoas envolvidas no desejo de pesquisar têm pouca experiência, invadem terrenos nos quais têm escassas informações ou sua concepção do mundo e sua posição teórica não estão conscientemente delineadas ou apenas existem em forma inconsciente (TRIVIÑOS, 1987, p. 93).

Dessa forma, a fim de entender a realidade social e as práticas de letramentos dos professores envolvidos na pesquisa, busquei desenvolver o melhor caminho seguindo cada etapa em busca de informações precisas para alcançar os resultados desta pesquisa. A esse respeito:

É para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. Este, repetimos, deve ter uma estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação. Interessante salientar, uma vez mais, que o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teóricometodológica (TRIVIÑOS, 1987, p. 133).

Dentre as vantagens do estudo de caso, de acordo com Gil (2007, p. 59), estão: “[...] a) sua capacidade de estimular novas descobertas, em virtude da flexibilidade do planejamento e da própria técnica; b) a possibilidade de visualização do todo, de suas múltiplas facetas; e c) a simplicidade de aplicação dos procedimentos, desde a coleta até a análise de dados”. A partir disso, posso dizer que os problemas precisam ser contextualizados, sendo descritos e explicados a partir desse contexto. Desse modo, a pesquisa qualitativa vem ganhando espaço

para o estudo das relações sociais, à medida que as mudanças na sociedade acontecem de forma acelerada com vistas às novas perspectivas, o que se faz necessário análises mais locais.

## **1.2 Contexto e participantes**

Os participantes da pesquisa são professoras de Língua Portuguesa que ministram aula no Ensino Fundamental I, em turmas de 5º ano, em uma escola municipal de Barra do Garças-MT. Esses professores participam, também, da formação continuada e de projetos sociais do município. O contato com os sujeitos da pesquisa foi por meio de questionário, sendo possível identificar as informações necessárias para a sua participação neste estudo, de forma voluntária, ou seja, sem remuneração, desde que cumpridos os requisitos propostos. Os critérios para a participação na pesquisa foram os seguintes: possuir Licenciatura em Letras, estar ministrando aula no ano de aplicação da pesquisa e ser professor de turmas de 5º ano, sendo impossível a participação na pesquisa caso não possuíssem esses requisitos. Em relação aos riscos da participação neste estudo, esclareço que são riscos mínimos, de acordo com a Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), que são próprios das pesquisas nas áreas das ciências sociais por não envolverem danos físicos, porém existem riscos como: invasão de privacidade; estar sujeito a responder a questões sensíveis, tais como, violência, sexualidade; possível de revitimizar e perder o autocontrole, bem como a integridade ao tornar público pensamentos e sentimentos nunca revelados; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; divulgação de dados confidenciais, registrados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); fazer com que o sujeito libere seu tempo ao responder ao questionário; riscos que envolvem a divulgação de imagem, em caso de filmagens ou registros fotográficos. Nesse escopo, a fim de evitar ou reduzir os riscos de sua participação, foram tomados todos os cuidados necessários para o sigilo; respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos; garantia da não violação e da integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder a questões que pudessem causar algum constrangimento.

### 1.3 Instrumentos de pesquisa

Quanto aos instrumentos de pesquisa, foi feita análise documental do plano de ensino de Língua Portuguesa da escola escolhida para a realização da pesquisa, aplicou-se um questionário (Quadro 2), que, posteriormente, foi transformado em entrevista com perguntas abertas, no dia 25/07/2023, com três professoras de Língua Portuguesa do 5º ano, participantes da pesquisa, que atuam na rede municipal de Barra do Garças-MT, e também foi feito um estudo no que tange à diversidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que visa analisar qualitativamente conteúdos e interpretação de dados, considerando ser essa uma importante forma de registro dos passos da pesquisa. Cabe destacar que as discussões sobre o desenvolvimento dessa etapa da pesquisa foram muito importantes.

Quando falamos que o pesquisador, muitas vezes, delimita por própria iniciativa o assunto a investigar, sem consultas ao meio no qual realizará a pesquisa, estamos verdadeiramente apontando uma situação que, em geral, é certa. É muito difícil, porém, que se coloque um problema de pesquisa sem que antes não se tenha realizado uma avaliação das condições gerais do ambiente que interessa. E para alcançar isto, as entrevistas, as informações prévias atingidas através de documentos e literatura específica etc. são importantes. Nosso ponto de vista para distinguir dois modos de delimitar um problema de pesquisa baseia-se no caráter geral do nível de participação que a indicação das dificuldades que se deseja solucionar tem as pessoas envolvidas no assunto (TRIVIÑOS, 1987, p. 95).

**Quadro 2** - Questionário aplicado às professoras durante a entrevista

1) Você já fez algum curso ou formação sobre letramentos?
2) Como você lida com a diversidade cultural na sala de aula?
3) Você já desenvolveu alguma atividade considerando as práticas de letramento dos seus alunos?
4) Para você, qual é o maior desafio em trabalhar em sala de aula com culturas tão diferentes?

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A partir das respostas das professoras, foi possível fazer uma melhor reflexão e entender a percepção delas a respeito das questões abordadas. Esse questionário teve como principal finalidade produzir importantes informações a respeito do trabalho delas em sala de aula e me possibilitar maior conhecimento sobre os desafios que englobam a promoção da diversidade no âmbito escolar, possibilitando, assim, novas concepções, importante passo para a construção deste trabalho. Como eu afirmei anteriormente, realizei um questionário e, junto com ele foi feita uma entrevista com perguntas abertas, com as professoras, no dia 25/07/2023, dentro da própria escola.

As três professoras entrevistadas, foram nomeadas da seguinte forma: (P1), (P2) e (P3) para que se mantivesse o anonimato, cuja ordem numérica foi feita seguindo a ordem em que foi realizada a entrevista.

#### **1.4 Etapas da pesquisa**

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas. Na primeira, além das leituras necessárias sobre o tema da pesquisa – pesquisa bibliográfica, exposta no referencial teórico – fiz uma descrição e análise geral da BNCC acerca da diversidade e interculturalidade. Na segunda etapa, realizei a aplicação do questionário, que serviu de roteiro para a entrevista com perguntas abertas, às professoras de Língua Portuguesa que atuam em turmas 5º ano do Ensino Fundamental I da escola envolvida nesta pesquisa; e, na terceira etapa, foi feita a triangulação dos dados, quando pude interpretar as informações relevantes para a construção desta dissertação.



## **CAPÍTULO 2- DA LINGUAGEM AOS LETRAMENTOS: OS PRISMAS TEÓRICOS SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA**

Início este capítulo com uma discussão sobre a concepção bakhtiniana de linguagem. Em seguida, destaco os estudos sobre as questões da diversidade cultural e da interculturalidade, sob perspectivas de Chauí (2008), García Canclini (1997), Saviani (1997, 2000, 2003) e Walsh (2005). Por fim, apresento a relação entre esses conceitos e as práticas de letramentos nas aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental, sob as discussões de Monte Mor (2007), Freitas (2019) e Rojo (2012).

### **2.1 Concepção de linguagem**

Bakhtin fala sobre a língua como um fato social, que surgiu das necessidades das pessoas se comunicarem, motivo de grandes lutas sociais, considerando, desse modo, que todas as manifestações humanas presentes na sociedade se constituem em um espaço enunciativo-discursivo e, a partir daí, forma-se a linguagem, enunciado e texto, por meio de um movimento dialógico, constituindo as vozes sociais e desenvolvendo assim, o plurilinguismo, marcado pelas buscas sociais das questões linguísticas. A fim de enriquecer esta discussão, a partir de um ângulo filosófico e histórico da linguagem, busco nas reflexões bakhtinianas maior entendimento sobre a relação entre a linguagem, os elementos culturais e a importância das reflexões de Bakhtin no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa linha de raciocínio, Fiorin (2006), salienta que:

[...] a sala de aula é um lugar de encontro de diferentes vozes, as quais mantêm relações de controle, negociação, compreensão, concordância, discordância, discussão. Neste espaço, a aprendizagem é uma atividade social de construção em conjunto, resultante das trocas dialógicas, uma vez que, na perspectiva bakhtiniana, o significado não é inerente à linguagem, mas elaborado socialmente. No que tange ao ensino de língua materna, Bakhtin fala que ela não é aprendida por meio de dicionários e gramáticas; ela é adquirida durante nossas interações verbais, por meio de enunciados (FIORIN, 2006, p.18-19).

Partindo desse pressuposto, é, por meio das interações verbais, que se desenvolve a história representada nos meios sociais dos grupos falantes, capaz de mostrar seus costumes, suas experiências de linguagem, ou seja, sua cultura. Nesse sentido, compreender a concepção da linguagem sobre os diversos aspectos é fundamental para as práticas docentes, especialmente, para o ensino da Língua Portuguesa.

As discussões sobre a diversidade dos enunciados que constituem as diversas áreas da atividade humana têm fundamental importância na linguística em praticamente todas as áreas de conhecimento. Dessa forma, Bakhtin apresenta uma abordagem significativa e mostra que a língua é dinâmica, formada pela interação social, por meio de trocas de experiências no espaço social, que indica de que forma será construído o enunciado. À vista disso, Bakhtin (1993) assegura que:

O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce: aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas (BAKHTIN, 1993, p. 161).

Dessa forma, os diálogos desenvolvidos nas diversas comunidades entre os grupos são produzidos de diversos jeitos e estão ligados à diversidade cultural e linguística. Desta feita, o ensino da Língua Portuguesa, a partir das contribuições bakhtinianas, possibilita o crescimento interacional e o reconhecimento da diversidade nas práticas de ensino no âmbito escolar e no meio social em que os alunos vivem. A partir desse olhar, as aulas de Língua Portuguesa passam a ser ambientes favoráveis a uma aprendizagem significativa nas práticas cotidianas. Nesse contexto, Bakhtin (1997, p. 92-93) diz que:

[...] o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor (BAKHTIN, 1997, p. 92-93).

A partir disso, realizar um estudo sobre interculturalidade no âmbito escolar relacionando à disciplina de Língua Portuguesa, além de estimular de forma plena a comunicação intercultural do aluno, ajudá-lo-á a ser mais crítico em relação à diversidade cultural que o cerca, dando mais destaque nesse contexto e valorizam os múltiplos aspectos socioculturais, que modificam o modo como as pessoas vivem na sociedade. A esse respeito, Bakhtin (1997) afirma:

A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado. A oração que se torna enunciado completo adquire novas qualidades e particularidades que não pertencem à oração, mas ao enunciado, que não expressam a natureza da oração, mas do enunciado e que, achando-se associadas à oração, completam-na até torná-la um enunciado completo. [...] As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua - palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece

sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 297).

Nessa perspectiva, vale destacar que a linguagem é constituída no espaço social entre as diversas vozes interacionais que circulam pelo mundo, logo, torna-se uma grande contribuição sobre as múltiplas linguagens por meio das práticas discursivas, o que ajuda tanto os elementos linguísticos quanto os aspectos interculturais no ambiente social que necessita de diversas competências dos sujeitos envolvidos nesse meio, apontando possíveis caminhos para uma aprendizagem significativa.

No entanto, a respeito da diversidade linguística, sabe-se que tem ainda uma dura luta para que se reconheça a língua em toda a sua completude, pois suas variações são importantes para a formação da identidade brasileira como qualquer outra manifestação cultural, pois cada elemento cultural possui seu significado. Assim, a sociedade contemporânea passa por uma série de mudanças em seus elementos culturais e boa parte dessas mudanças se constroem na linguagem, haja vista que:

[...] a língua, para a consciência dos indivíduos que falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas. O sistema linguístico tal como é construído pelo objetivismo abstrato não é diretamente acessível à consciência do sujeito falante, definido por sua prática viva de comunicação social (BAKHTIN, 1997, p. 99).

Dessa forma, a exploração da linguagem contemplando os aspectos interculturais é de grande importância para o crescimento do educando bem como para sua participação na sociedade, pois amplia sua leitura de mundo, facilitando para a compreensão mais ampla em seu processo formativo. Fica clara a importância de os professores incentivarem e instigarem os alunos a serem protagonistas no ambiente escolar, onde deve haver espaço para o fortalecimento de habilidades comunicativas por meio de discussões em grupos, que permitam a exploração da linguagem.

As práticas pedagógicas do professor como sujeito social se desenvolvem por meio de diferentes saberes de suas vivências em seu cotidiano. Cabe dizer que a diversidade linguística é um desafio em sala de aula, com turmas cada vez mais heterogêneas, e, por isso, torna-se necessário ter habilidade e buscar valorizar as características que o educando traz em sua fala e em sua cultura, por meio de uma ligação entre o processo de ensinar e o contexto social, a fim de estimular um olhar crítico, levando em conta as múltiplas linguagens que formam o nosso país.

Bakhtin (2003) acrescenta que:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Nesse sentido, fica evidente a relevância da linguagem como comunicação em suas múltiplas maneiras, seja na oralidade seja na escrita, possibilitando às pessoas serem participativas dentro de seu cotidiano, por meio de diferentes discursos nas práticas sociais. Assim, a língua vai se adaptando gradativamente conforme as transformações que vão causando mudanças do meio cultural e isso vai influenciando-a como sistema em seu contexto de forma direta no ensino escolar, o que influencia a forma que os sujeitos veem o mundo.

No entanto, a diversidade de linguagens ou de culturas, está intimamente relacionada aos aspectos interculturais que influenciam nas práticas do professor por meios de suas vivências em sala de aula e favorece conduzir sua práxis no contexto escolar. Sobre isso, compreendo que a língua envolve relações de poder, pois, por meio dela, as pessoas se constituem na sociedade a partir dos diferentes contextos.

Ao fazer uma ligação entre ensino, diversidade e linguagem, é imprescindível refletir sobre as diferenças existentes nas salas de aulas. Por isso, muitos são os desafios no processo de ensinar e se torna necessário propor ações que favoreçam o exercício da cidadania, na tentativa de construir uma sala de aula onde os alunos tenham uma interação boa e uma comunicação aceitável, diante da diversidade de linguagem.

Dessa forma, o modo de falar dos alunos precisa ser trabalhado desde os primeiros anos para evitar discriminação linguística, o que geralmente acontece também fora da escola. Na verdade, preconceitos na linguagem acontecem com frequência, pois o aluno leva sua característica cultural e de fala para sala de aula o que mostra sua identidade e isso faz com que o professor precise estar mais atento às diversidades de linguagens em sua volta, para favorecer uma aprendizagem sem exclusão, e também para que possa contribuir para a ampliação dos saberes a fim de que o aluno cresça integralmente dentro e fora de sua comunidade de convívio.

Atualmente, torna-se evidente que o professor observe o educando a partir de sua realidade e de suas experiências de vida, buscando equidade no ensino, para que fortaleça ações e projetos e contemple novos conhecimentos sobre linguagem e sociedade, ressignificando a realidade do ensino e valorizando as diferentes falas dos alunos. Dessa forma, no processo de construção da interação social da sala de aula, é importante manter colaborações e aprendizagem a partir de uma linguagem simples, que considere o contexto real de vida que cada um vive.

A partir disso, é possível dizer que o mundo exige maior conhecimento em relação às linguagens nas mais diversas esferas sociais. Segundo Barton (2015, p. 13):

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças (BARTON, 2015, p. 13).

Nesse viés, as práticas sociais são geralmente intermediadas pela manifestação da cultura no qual produz significados, o que leva a uma preocupação ainda maior com a identificação. Vale destacar que o ensino de língua portuguesa, ainda é muito preso à gramática e, assim, vê-se a necessidade de novas práticas pedagógicas, com intuito de desenvolver projetos interdisciplinares que busquem refletir de forma significativa sobre uma perspectiva de linguagem intercultural a partir de fatores sociais que constituem as práticas de linguagens.

## 2.2 Diversidade cultural e interculturalidade

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Dermeval Saviani.

Para o autor, é fundamental que haja na sociedade uma educação transformadora, que garanta justiça social e ofereça às pessoas um ensino de qualidade. Nesse sentido, a escola tem um importante papel na promoção do saber.

Discutir a diversidade cultural em sala de aula exige dos educadores uma compreensão dos sentidos da palavra cultura. Chauí (2008, p. 55) afirma que:

Vinda do verbo latino *colere*, na origem, cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios (CHAUÍ, 2008, p. 55).

A cultura está inserida no vocabulário do povo e faz parte das ciências sociais e humanas. Logo é necessária a compreensão das características e das variáveis que envolvem esse campo, na busca de entender suas origens nas ciências sociais e humanas, refletir de

forma crítica sobre as práticas de linguagem frente aos desafios que o mundo globalizado traz, e, a partir disso, entender a percepção de língua como elemento cultural.

Eagleton (2011) explica que :

Não vivemos apenas da cultura. Também vivemos para a cultura. Os sentimentos, a convivência, a memória, a relação familiar, o lugar, a comunidade, a plenitude emocional, o prazer intelectual e a sensação de que tudo tem um sentido, são-nos mais próximos do que as declarações de direitos do homem ou os tratados comerciais. Neste contexto, os conceitos e reflexões que os respectivos autores trazem efetiva contribuição para os objetivos que se espera alcançar com esta pesquisa (EAGLETON, 2011, p. 167).

Nesse sentido, as contribuições de García Canclini (1997) para os estudos sobre a diversidade cultural são pertinentes, pois, sob seu olhar, para toda ciência que leve em conta a diversidade, é preciso que se tenha um olhar transdisciplinar a partir de uma abordagem antropológica, que compreenda a diversidade e o hibridismo cultural em termos gerais da diferença e busque a valorização da pluralidade de culturas em todos os seus aspectos que existem na sociedade.

A esse respeito, Ortiz (1985) afirma o seguinte:

[...] falar em cultura brasileira é falar em relações de poder. [...] Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na relação com o Estado (ORTIZ, 1985, p. 9).

A partir disso, fica evidente a importância de um currículo multicultural que contemple temas sobre a diversidade, promova um ambiente mais acolhedor com mais interatividade, que leve em conta a realidade social, em que o professor assuma uma postura intercultural, ofereça subsídios e traga reflexão para sala de aula para que cada aluno valorize a cultura do outro e entenda também sua própria identidade para que se tenha harmonia entre eles.

Tal fato ocorre, pois, cultura e interculturalidade envolvem caminhos contextuais a partir de diversos grupos sociais, os quais fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, por meio da troca de saberes e experiências de vida que contribuiriam para sua formação pessoal, considerando seu próprio discurso e os traços da construção de sua identidade.

Dessa forma, é importante a troca de diálogos de caráter interdisciplinar em sala de aula para que possa ampliar as possibilidades de reconhecimento das diversas culturas presentes no espaço escolar e favorecer a interculturalidade, para que leve em conta os contextos sociais e para que busque um entendimento significativo e faça com que a

diversidade cultural seja vista de outra forma, com mais valorização. Nesse âmbito, Rojo (2009) assegura que:

[...] cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, buscando para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as diferentes culturas locais, populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica (ROJO, 2009, p. 12).

Diante dessa discussão, entendo como um ato de cidadania o professor que aceita o desafio de rever e de reeducar, a partir de novas reflexões, sua prática de ensino em relação à diversidade cultural presente na escola. Todos estão cercados pela diversidade e é na escola que ela se apresenta de forma mais notável e fica mais fácil de perceber tantas identidades culturais que, com suas diferentes falas, enriquecem o espaço educacional.

De acordo com Freitas (2019, p. 66), “os cursos de licenciatura têm dado ênfase em questões metodológicas e os professores são preparados para realizar práticas consideradas bem-sucedidas, às vezes repetitivas e inadequadas às necessidades das crianças e jovens da atualidade”. Ora, o ensino contemporâneo é marcado por novos desafios e se caracteriza por novas e diferentes práticas de letramentos que exigem mudanças na forma de ensinar e exigem que o professor compreenda as diversas linguagens e culturas para lidar com a realidade em sala de aula. Logo, há necessidade de criação de novos jeitos de ensinar e aprender, ou seja, de novas praxiologias (PESSOA, SILVA, FREITAS, 2021).

O conceito de interculturalidade, utilizado para demonstrar as diversas propostas de convivência social entre as mais diferentes culturas que estão espalhadas na sociedade, leva à integração entre elas sem desprezar sua diversidade, fortalece seus laços positivos e resulta das interações entre os diferentes grupos sociais, cada um em seu contexto, ligados às práticas culturais de modo que possam conviver em harmonia, interagindo de forma horizontal.

Consequentemente, as práticas do professor são essenciais para conseguir êxito no processo de ensino aprendizagem. De acordo com Saviani (2009):

[...] o professor assim como os alunos pode posicionar-se diferentemente enquanto agentes sociais diferenciados. E do ponto de vista pedagógico há uma diferença essencial que não pode ser perdida de vista: o professor, de um lado, e os alunos, de outro, encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiência) prática social [...] A compreensão do professor é sintética porque implica certa articulação dos conhecimentos e das experiências que detém relativamente a prática social (SAVIANI, 2009, p. 63).

O autor mostra a importância de contemplar práticas pedagógicas que levam ao estímulo do pensamento social, que reflita sobre as lutas sociais, que dessa forma contribua para uma sociedade mais justa frente aos novos desafios da educação contemporânea. Pois,

“[...] quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” (SAVIANI, 2009, p. 64-65).

Nessa perspectiva, para a diminuição de questões que envolvem a exclusão de alunos, dentro da escola e fora dela. É interessante que a escola promova formações continuadas e possibilite outras reflexões dos processos educacionais acerca da diversidade cultural, que tenham mais proximidade com essa diversidade para que a educação contemple todas as culturas presentes na comunidade em que estão inseridos sem silenciar seus discursos.

Nesse sentido, Candau (1998) salienta que:

A cultura escolar predominantemente nas nossas escolas se revela como ‘engessada’, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças, jovens a que se dirige e à multiculturalidade das nossas sociedades. Parece que o sistema público de ensino, nascido no contexto da modernidade, assentado no ideal de uma escola básica a que todos têm direito e que garanta o acesso a todos os conhecimentos sistematizados de caráter considerado ‘universal’, além de estar longe de garantir a democratização efetiva do direito à educação e ao conhecimento sistematizado, terminou por criar uma cultura escolar padronizada, ritualística, formal, pouco dinâmica, que enfatiza processos de mera transferência de conhecimentos, quando esta de fato acontece, e está referida à cultura de determinados atores sociais, brancos, de classe média, de extrato burguês e configurado pela cultura ocidental, considerada como universal (CANDAU, 1998, p. 182).

A escola é o lugar responsável pela promoção dos vários saberes, logo, torna-se um local propício de valorização cultural dos vários grupos sociais e, com isso, tem a função de possibilitar o conhecimento da diferença como ação humanizadora, na tentativa de buscar novas formas de interações, para que haja mais respeito em relação ao próximo.

Nessa perspectiva, destaco também as contribuições de García Canclini (1997) para os estudos sobre a identidade cultural, em especial, no que concerne à esfera latino-americana.

García Canclini (1997) discute a identidade cultural com um olhar mais profundo, destacando que o termo híbrido se adequa melhor na perspectiva cultural entre tradicional e moderno numa abordagem comunicativa. Sob esse olhar, “a hibridização sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separada e, ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 113). A hibridização sociocultural, na verdade, trata-se de um processo mais complexo sociocultural em que as formas culturais distanciadas se encontram a fim de gerar novas formas, mas que podem entrar em situação de conflitos.

Assim, os professores ajudam os alunos a reconhecerem que, a partir dos grupos diversos que formam nossa sociedade, é construída a comunidade em que eles vivem. Além



disso, a troca de saberes é bastante considerável, pois se trata de uma grande riqueza cultural. Sob essa ótica, Saviani (1997) explica que:

A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção. [...] é o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão (SAVIANI, 1997, p. 24).

Diante de tantos desafios no meio educacional, o autor traz uma abordagem crítica e reflexiva sobre os processos educativos ao longo dos anos, mostrando que é importante entender a realidade e pensar numa educação que, de fato, contemple a todos.

Na “Teoria da Curvatura da Vara”, Saviani (2000) menciona três teses fundamentais para uma melhor compreensão da educação brasileira em relação a esse assunto. A primeira trata “do caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência” (SAVIANI, 2000, p. 36); a segunda traz uma discussão a respeito “[...] do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos” (SAVIANI, 2000, p. 36) e a terceira coloca em evidência uma constatação: “[...] quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e [...] quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática” (SAVIANI, 2000, p. 36).

É natural a gente conviver com as diversidades em nosso dia a dia e a escola tem um papel importante nas mudanças sociais por meio da troca de diálogos, desenvolvimento de projetos pedagógicos possibilitando novas interações educativas na tentativa de construir um ambiente de respeito mútuo por meio de um enfoque intercultural. Assim, por meio de ações educativas podemos buscar a valorização da diversidade em seus diversos aspectos.

Nesse sentido, podemos afirmar que o autor demonstra ser pesquisador atrelado à Educação, numa Pedagogia mais completa e mais humanizadora, a partir de um pensamento social, a favor dos movimentos sociais na busca de uma sociedade mais justa, que produza assim, efeitos de sentido na vida das pessoas.

Viver em tempos da “curvatura da vara”, nesse caso, escola sem partido, não adianta deixar a vara quieta para ela se endireitar por si só, é necessário ir muito além disso, tem de curv-la para o outro lado. Assim, por meio de sua prática pedagógica, o professor pode promover transformações e favorecer a vida social em que o aluno está inserido.

Nessa perspectiva, (CANDAU, 2013), afirma que:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos -individuais e coletivos-, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça -social, cognitiva e cultural,

assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAU, 2013, p.1).

A autora mostra o quão é importante entender a diversidade como uma riqueza cultural. As instituições escolares é um ambiente sociocultural formado por culturas e diversos valores e cada construção cultural dos grupos ali presente têm seu modo próprio de ser e agir, com maneiras diferentes de falar e os professores também carregam os elementos culturais para a sala de aula. Essa discussão sobre a diversidade leva, pois, a uma reflexão mais profunda sobre o fazer pedagógico e revela que existem muitos caminhos a serem trilhados.

No entanto, é fundamental que os professores reflitam sobre a diversidade e sobre os longos caminhos que precisam ser trilhados para que a educação intercultural possa ser de fato alcançada. Sobre isso, Candau (2009, p. 170) diz que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (CANDAU, 2009, p. 170).

A abordagem da autora revela que ainda são necessárias grandes mudanças no processo de ensino para que se tenha uma boa convivência entre os mais diferentes grupos que formam comunidade escolar.

Importante ressaltar que a escola tem o papel de oferecer diferentes saberes e conhecimentos e lutar pela justiça social, sendo eixo norteador da educação. Então, resalto que a escola pode contribuir muito para uma relação de maior entendimento da diversidade ali presente no empenho em valorizar as histórias locais.

Para Candau (2011), esse é o caminho que os professores precisam seguir para a construção de uma escola mais democrática, a fim de promoverem a igualdade sem negar a diferença. A autora destaca que:

[...] a dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, 'está no chão da escola' e potencia processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou inferiorização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural (CANDAU, 2011, p. 253).

Nesse contexto, pode-se perceber que um dos desafios da escola está no processo de desenvolvimento de práticas docentes em relação à heterogeneidade em sala de aula, no

sentido de promover conhecimento valorizando a cultura do outro, tendo respeito às diferenças não só na escola, mas também na sociedade. E isso também auxilia no enfrentamento de certas situações de conflitos, como problemas sobre a discriminação e agressões verbais causadas pelo preconceito. Mesmo com muitos debates e discussões sobre o respeito às diferenças. Nesse sentido, a escola não tem como mudar a sociedade, mas pode direcionar para que a diversidade seja enxergada de forma natural, de forma positiva, levando em conta os valores e princípios da cidadania e da ética por meio de ações pedagógicas. Saviani (2009) ressalta que:

Nesse ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por supor, já se sabe encontrava o professor no ponto de partida, reduz a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica. Essa elaboração ao nível do professor é essencial para compreender-se a especificidade da relação pedagógica. Daí por que o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que aí se realiza, pela mediação da análise levado a cabo no processo de ensino, a passagem da síntese à síntese (SAVIANI, 2009, p. 65).

O autor mostra de modo especial, sob uma nova perspectiva atinente à educação, que o professor precisa estar em harmonia com seus alunos e o meio em que vivem, assim, tudo se modifica. No entanto, entender o sistema educacional, por meio dos aspectos sociais, leva-os a perceber como a educação está influenciada no meio social, haja vista que a educação tem influência na sociedade, o que pode favorecer sua própria transformação e assim evitar reproduzir injustiças sociais como tem acontecido ao longo dos anos.

As práticas pedagógicas levam à compreensão dos múltiplos conhecimentos no meio social, por isso, a importância de se ter novas habilidades para ensinar que estejam a par desses desafios entre a teoria e a prática dos professores para que os alunos adquiram condições para exporem suas ideias tranquilamente diante das relações de convívio sociais, com mais segurança, consciência e maturidade. É fundamental despertar a sensibilidade do aluno, os valores que precisam ser apresentados por eles no contexto social comum a todas as culturas presentes no âmbito escolar.

De acordo com Saviani (1991, p. 21), “O que não é garantido pela natureza deve ser produzido historicamente pelos homens”. Desse modo, o saber assume seu lugar como algo de grande importância para a prática educativa e, com isso, deve ter prioridade diante do desenvolvimento do saber espontâneo.

Partindo dessa premissa, a expressão “educação popular” assume o sentido de uma educação do povo, pelo povo, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo à ordem existente (SAVIANI, 2008, p. 317). O autor mostra a importância de oferecer uma

educação que seja verdadeiramente brasileira, que contemple a população de modo geral de acordo com suas possibilidades, busque a conscientização de todos os indivíduos para que, a partir do ensino e aprendizagem, seja possível transformações das estruturas sociais e se reconheça a cultura do povo por meio da produção de conhecimentos no contexto do ensino contemporâneo.

Sendo assim, Saviani (2009) explica que:

A prática social: ponto de partida da prática educativa, é comum ao professor e a alunos. Leve-se em conta que há uma diferença de compreensão da prática social. A compreensão do professor é sintética e implica certa articulação dos conhecimentos e experiências.

Problematização: é a diretriz dos conteúdos que serão trabalhados, identificação dos principais problemas da prática social. Em consequência, que conhecimento é necessário dominar.

Instrumentalização: trata-se de apropriar-se dos instrumentos teóricos e práticos necessários para superar os problemas detectados na prática social.

Catarse: é uma concepção gramsciana de elaboração superior da estrutura sem superestrutura na convivência humana. Adquirir os instrumentos básicos: é chegada o momento de uma expressão mais elaborada de entender a prática social.

Prática Social: ponto de chegada da prática educativa, distante da prática social da qual se partiu, o caminho percorrido possibilitou ao professor conduzir o aluno ao ponto de problematização e instrumentalização em que ele próprio se encontra na abordagem dos conteúdos. O método se transforma em prática (SAVIANI, 2009, p. 64).

Dessa forma, é possível compreender que o método é considerado uma prática relevante e que possibilita a transformação do educador, e o conteúdo trabalhado por ele precisa fazer parte das práticas sociais do aluno, ligando as questões educacionais à realidade social em que ele vive, fortalecendo assim, a reciprocidade. A partir disso, pode-se construir uma cultura comum, que considera diferentes dialetos, línguas e saberes diferentes.

Para Candau (2008), um dos desafios que o professor tem de enfrentar hoje para promover um ensino intercultural, isto é, que promova a inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes na sociedade, está a necessidade de “promover processos de desnaturalização e explicitação da rede de estereótipos e pré-conceitos que povoam nossos imaginários sociais em relação aos diferentes grupos socioculturais” (CANDAU, 2008, p. 53).

Dessa maneira, é necessário que todos os educadores tenham mais consciência em relação aos grupos que formam a comunidade escolar para que se tornem mais visíveis, que percebam a importância da presença desses grupos sociais e das atividades formativo-culturais para o enfrentamento dos desafios contemporâneos, que favoreçam a produção de ideias, no sentido de reconhecer valores, atitudes na construção do saber para se ter uma educação significativa, pois:

[...] se a democracia supõe condições de igualdade entre os diferentes agentes sociais, como a prática pedagógica pode ser democrática já no ponto de partida? Com efeito, se [...] a educação supõe a desigualdade no ponto de partida e a igualdade no ponto de chegada, agir como se as condições de igualdade estivessem instauradas desde o início não significa, então, assumir uma atitude pseudodemocrática? Não resulta, em suma, num engodo? (SAVIANI, 1983, p. 86).

A partir dessa discussão, fica claro que a sociedade não foi construída de forma igualitária e a escola pode influenciar em questões importantes para o reconhecimento de que a produção de saberes adquiridos durante anos, está ligada aos aspectos culturais dos indivíduos que trouxeram importantes desdobramentos para a vida social.

Ao se curvar a vara para o lado oposto, pretende-se fazê-la encontrar a direção correta (SAVIANI, 2000), buscando assim a valorização do saber-fazer no processo educativo e do legado de uma pedagogia, os quais, conforme a afirmação de Saviani (2000, p. 57), “[...] aponta para uma pedagogia revolucionária”. Desse modo, fortalece a construção de um ensino intercultural, que leve a uma sociedade mais justa, ciente dos direitos humanos. Para Saviani (1991), esse ensino deve buscar:

- a) [...] identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações bem como as tendências atuais de transformação;
- b) conversão do saber objetivo em saber escolar de modo a colocá-lo assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares;
- c) provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, 1991, p. 16).

Nesse contexto, o autor, deixa claro que o ensino não deve estar atrelado em repedir ideias, mas possibilitar meios para transformações a partir de políticas educativas e novas propostas de ensino, dando autonomia de pensamento crítico aos alunos.

Posso dizer que poucas são as situações em que o docente atua sozinho, esta situação faz com que os professores estabeleçam relações de diálogo e interação com seus pares, abrindo espaço para ressignificar outros saberes. É importante a troca de diálogos de caráter interdisciplinar na escola, oportuniza ampliar as possibilidades de reconhecimento dos diversos grupos e gerações que fazem parte da construção histórica do nosso país e que constituem o espaço escolar, favorecendo a interculturalidade. Nós professores, podemos trabalhar com diversas formas de leitura e práticas pedagógicas mais dinâmicas que conduz o aluno a novos caminhos, estimule a interpretação de mundo, que leve em conta os contextos sociais, buscando uma aprendizagem significativa, sem desconsiderar as diferenças na tentativa de melhor compreender essa comunidade heterogênea. Assim, felizmente, um dos problemas do ensino acerca da linguagem, seria minimizado.

As experiências coletivas também são fontes de construção de saberes. As relações que os professores estabelecem cotidianamente com outros professores, as trocas de experiências, não só na própria escola como também em cursos, palestras, congressos, seminários, a interação entre professores mais experientes e professores mais jovens, são alguns exemplos de situações que podem resultar nesta produção coletiva de saberes reeducando os olhares e desconstruindo a concepção dos sujeitos.

Camacho (2001, p. 50) aborda que:

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico.

Diante da abordagem do autor, fica claro que as questões sobre a diversidade linguística interferem nas relações em sala de aula e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, especialmente, no que se refere ao dialeto caipira por exemplo, jeito mais simples de falar e naturalmente apresentam uma cultura mais rústica, no qual pude perceber enquanto professora da escola rural durante muitos anos. Posso afirmar que esses alunos apresentavam dificuldades de interação quando iam para a cidade devido ao modo de falar e a timidez que a maioria tinha. Por conseguinte, torna-se relevante os professores considerarem as experiências linguísticas culturais que os alunos levam para a sala de aula, a fim de proporcionar reconhecimento da diversidade e permitir que os alunos se expressem livremente, abrindo espaço para comunicação, onde possam ser exploradas suas ideias.

Candau (2011, p. 253) afirma que todos estão distantes de “instrumentalizar didaticamente a escola” no sentido de trabalhar com as diferenças, bem como de transformá-las em “vantagem pedagógica”, mas entende que se está caminhando nessa direção e que:

[...] nós, professoras e professores de didática e das demais disciplinas dos cursos de formação destes profissionais também estamos desafiados a trabalhar nesta direção, não somente teoricamente, mas incorporando esta perspectiva nas nossas próprias práticas pedagógicas (CANDAU, 2011, p. 253).

Sob essa premissa, a autora admite que uma instituição escolar que trilhe caminhos a partir do diálogo, que reconheça o valor do diferente com legitimidade, leva à perspectiva intercultural, na qual os diferentes grupos sociais são mais visíveis e valorizados, expandindo as ações educacionais e reconhecendo os valores culturais da sociedade, que “[...] enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas

nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas” (CANDAUI, 2011, p. 52).

Dessa maneira, aprende-se a reconhecer o valor dos diversos grupos, construindo com olhar empático essa gama de diversidades existentes no espaço escolar. Sobre o processo de ensinar e aprender, Freire (2003) enfatiza que:

O aluno precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como aluno significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer (FREIRE, 2003, p. 47).

Desse modo, ao pensar em educação numa perspectiva intercultural, torna-se fundamental compreender o papel da docência e refletir sobre a comunidade em que os indivíduos vivem, a fim de analisar sua estrutura social e a realidade de suas famílias, na luta por um ensino de qualidade e democrático trazendo conquistas para o campo educacional.

Para Gomes (2003, p. 72-73), “[...] cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados”. Nesse contexto, deve-se levar em conta a pluralidade cultural para que todo aluno possa se sentir valorizado no ambiente escolar. Para isso, os professores podem possibilitar a integração das culturas, buscar a sensibilidade humanizadora a partir das relações entre educação e a diversidade cultural, a fim de ressignificar as práticas educativas.

No entanto, para que isso aconteça no processo educativo e nas praxiologias de professores/as, Antonio Nanni (1998), citado por Fleuri (2000), propõe três mudanças no sistema de ensino educacional, que considera fundamental:

- a) A realização do princípio da igualdade de oportunidades: A educação intercultural requer que se trate nas instituições educativas os grupos populares não como cidadãos de segunda categoria, mas que se reconheça seu papel ativo na elaboração, escolha e atuação das estratégias educativas;
- b) A reelaboração dos livros didáticos, a adoção de técnicas e de instrumentos multimediais. A educação intercultural requer profundas transformações no modo de educar. A prática educativa é estimulada a se tornar sempre mais interdisciplinar e multimedial. [...] os livros didáticos deverão sofrer profundas mudanças. Estes são escritos geralmente na perspectiva da cultura oficial e hegemônica, e não para os alunos pertencentes a ‘muitas culturas’, diferentes entre si;
- c) A formação e a requalificação dos educadores são talvez o problema decisivo, do qual depende o sucesso ou o fracasso da proposta intercultural. O que está em jogo na formação dos educadores é a superação da perspectiva monocultural e etnocêntrica que configura os modos tradicionais e consolidados de educar (NANNI (1998, p. 50 apud FLEURI, 2000, p. 77-78).

Nesse sentido, a interculturalidade é um passo importante para que as pessoas, como um todo, possam se desenvolver de forma plena no espaço social, considerando a evolução

como um processo que proporciona grandes mudanças de pensamentos e transformações voltadas para o respeito, capazes de conduzir ao aprimoramento individual e coletivo para que todos construam uma identidade positiva na sociedade contemporânea.

Sob um olhar intercultural, “cultura” é considerada como um jeito de enxergar o mundo e, em relação à língua, é vista como a própria cultura. Assim, é importante conduzir os alunos para interagirem com outras culturas de modo que reconheçam o quanto isso pode ser uma experiência enriquecedora, sendo uma boa oportunidade para entender como se dá a relação entre as identidades que formam a sociedade.

De acordo com Vera Candau (1998, p. 185), esse seria um meio de fundamental importância para qualquer processo ser qualificado de intercultural. Trata-se de um processo permanente, mas sempre inacabado, marcado por uma forte ideia de promover uma relação dialógica e democrática entre as culturas e os grupos envolvidos e não unicamente uma coexistência pacífica num mesmo território. Além disso, é importante que os alunos entendam os valores, as diversas manifestações dos grupos e seus comportamentos, os quais favorecem novas competências para se posicionarem de forma crítica com a língua nos vários contextos sociais essenciais a todos, levando em conta suas variações culturais. Tal fato dará forças ao desenvolvimento da interculturalidade no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse âmbito, Rojo (2012, p. 12) expõe:

[...] a necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte, devido às novas TICs, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade (ROJO, 2012, p. 12).

As pessoas têm padrões de vida diferentes e é fundamental que haja o reconhecimento da diferença e o respeito pelo outro, sensibilizar o aluno diante dessa nova configuração dos grupos na atualidade, pois é importante para a construção das relações sociais em harmonia, colocando a diversidade como base de estudo.

Ao refletir sobre minha docência, durante meus quase vinte anos em sala de aula, posso dizer o quão significativo foi cada sala de aula por qual passei, serviu de aprendizagem, favorecendo a construção do meu conhecimento em diversos aspectos, mostrando-me que, ao ensinar, também aprendo muito durante as aulas realizadas e são experiências enriquecedoras que ficam na memória, marcando minha carreira docente de forma significativa.

Dessa forma, entender a interculturalidade, é fundamental para a carreira docente. Trata-se de um processo dinâmico e complexo, em que todos aprendem com a cultura do outro em situações de respeito mútuo, o que se torna um desafio. Portanto, torna-se necessário



compreender o processo de comunicação, em seus diferentes aspectos, sabendo que ele é construído pela multiplicidade de linguagens que nos cercam, levando os professores a refletirem para que possam agir de acordo com essa realidade educacional que:

[...] se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença; um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados; uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade; e uma meta a alcançar (CANDAU, 2011, p. 10-11).

Em situações do dia a dia, é relevante promover discussões com novas ideias na família e no espaço escolar, as quais possibilitem reflexões por meio de vivências, sobre a formação integral do educando. Para tanto, é preciso considerar diferentes modos de ensinar e de ler o mundo, a partir de assuntos sobre identidades que levem a apresentação de opinião e mostrem de forma simples que a diversidade cultural forma o povo brasileiro, afinal,

[...] o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p, 19).

Destaco aqui ideia de Candau (2009), ao afirmar que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (CANDAU, 2009, p. 170).

Candau (2009), nesse trecho, apresenta reflexões sobre a necessidade de mudanças nos processos de ensino a partir de discussões sobre a diversidade cultural e de linguagens, para de fato conquistar um ensino que favoreça todos os grupos culturais numa perspectiva reflexiva e crítica que garanta sucesso no ensino.

É importante as discussões por meio de roda de conversa de caráter interdisciplinar em sala de aula, a fim de ampliar possibilidades de reconhecimento das diversas culturas e favorecer uma maior interação no espaço escolar e nas práticas sociais. Desse modo, saliento

a importância de os professores de Língua Portuguesa desenvolverem atividades com diversas formas de leitura e textos multimodais que proporcionem a interpretação, que levem em conta os contextos sociais, buscando um entendimento mais significativo, sem desconsiderar as diferenças linguísticas, na tentativa de minimizar um dos problemas do ensino acerca da diversidade na busca de compreender suas singularidades.

No entanto, promover diálogo intercultural estimula a abertura de um novo caminho para as ações docentes, o qual requer mudanças de planejamentos, pois isso tem influência nas práticas educativas. Os PCNs (1997) ressaltam que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, 23).

Diante disso, os conteúdos trabalhados nas escolas, particularmente em Língua Portuguesa, precisam estar voltados ao cotidiano dos alunos, com temas ligados às suas vivências, à cultura, com intuito de buscar maior interação entre a comunidade escolar, interligar o ensino da língua à cultura local, oferecer um ambiente acolhedor aos alunos e possibilitar liberdade para se comunicarem no dia a dia em outros espaços de convívio.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) admitem que se trata de uma responsabilidade ainda maior com os alunos que vivem em comunidades cujo grau de letramento seja menor. Dessa forma, o termo letramento é apresentado neste texto como:

[...] produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1998, p. 19).

No entanto, reconhecer a educação em todos seus aspectos, interculturalmente, leva a se colocar no lugar do outro, saber suas origens, e, portanto, vale destacar que todos estão cercados de diversas culturas e linguagens que se formaram de diversos lugares, sendo preciso essa interação para que possibilite o desenvolvimento harmônico da sociedade. Por meio do ensino, é possível discutir as diferenças que formam cada comunidade. Para tanto, para enfrentar esses desafios, é necessário promover maior comunicação entre os educandos, fortalecendo laços de amizade recíproca, no sentido de buscar compreensão do processo de

formação desse país, sua construção histórica, no entendimento de que todos são sujeitos plurais, na tentativa de evitar situações de preconceitos.

De acordo com Mignolo (2012, p. 8), o “[...] conhecimento está marcado pela diferença colonial”. Sendo assim, para uma educação intercultural, necessita-se compreender as diferenças presentes na sociedade e, assim, possibilitar novos conhecimentos.

Para isso, as escolas podem promover uma análise mais cuidadosa sobre a diversidade no âmbito escolar, abrir espaço para um estudo mais aprofundado sobre temas, por exemplo, a cultura afrobrasileira, no decorrer do ano letivo, o que pode ser ampliado no desenvolvimento de projetos bimestrais/semestrais que trabalhem temas ligados às suas vivências, às tradições; que busquem maior interação entre a comunidade escolar, por meio de mostra cultural, trabalhos interdisciplinares e apresentem a arte das diferentes culturas, de forma que os grupos contemplem e reconheçam os diferentes aspectos, na tentativa de manter os valores culturais. Desse modo, Reinaldo M. Fleuri (2000), afirma que:

A educação intercultural reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre os diferentes grupos identitários. Além disso, a educação intercultural propõe construir a relação recíproca entre eles. Uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de reconhecimento recíproco e de interação. [...] A perspectiva intercultural da educação, enfim, implica em mudanças profundas na prática educativa, de modo particular na escola. [...] Pela necessidade de desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que deem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes (FLEURI, 2000, p. 79).

Assim, pensar a diversidade remete diretamente à história, na qual se pode refletir sobre a vida e a exclusão de alguns grupos na sociedade. Desse modo, a partir de diferentes contextos, é importante analisar como o professor se posiciona diante do ensino em relação às diferenças, principalmente, sobre a linguagem dos alunos. Portanto, a partir dos estudos realizados até aqui, ficou claro que a língua está ligada à cultura do indivíduo e, assim, não pode ser dissociada, uma vez que isso contribui para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Torna-se interessante, nessa perspectiva, o professor oferecer meios de ensinar a Língua Portuguesa por meio de abordagens teóricas e práticas, construindo novas concepções e significados, considerando os aspectos culturais que os alunos trazem consigo para a sala de aula.

Como destaca Ortiz (1985) em “Cultura brasileira e identidade nacional”:

[...] falar em cultura brasileira é falar em relações de poder. [...] Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e

da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na relação com o Estado (ORTIZ, 1985, p. 9).

Um currículo multicultural contempla temas sobre diversidade, possibilita um ambiente mais acolhedor que leva em consideração a realidade social acerca das diferenças, de modo que o professor assuma uma postura intercultural e traga reflexão para a sala de aula, a fim de que cada aluno valorize a cultura do outro e entenda também sua própria identidade, que contemple ações educativas voltadas para a integração de saberes e garantia de direitos e valorização em todos os níveis de escolarização.

Nesse sentido, Freire (1992, p. 240) destaca que a possibilidade de libertação se desenvolve a partir do momento que os sujeitos “[...] tomarem as suas histórias como reflexão e, destacando seus problemas, enfrentarem-nos”.

Nas palavras de Candau (2011):

[...] a cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um ‘problema’ a resolver (CANDAU, 2011, p. 241).

Como assegura Candau (2008, p. 49), “[...] entre igualdade e diferença, isto é, da passagem da afirmação da igualdade ou da diferença para a da igualdade na diferença”. Desse modo, são diversas as opiniões sobre os processos multiculturais, o que permite afirmar que a construção das identidades culturais não acontece a partir de uma cultura, ou seja, não é monocultural. Nesse sentido, uma reflexão, na perspectiva de processos educativos voltados para diversidade cultural, com novas possibilidades de dialogar e interagir com outras culturas com respeito e reciprocidade pode ser implementada.

A partir do exposto, a interculturalidade precisa ser colocada no contexto educacional a partir de perspectiva para a construção do conhecimento de forma autônoma em relação às tradições culturais presentes na sociedade, considerando os primeiros povos, apoiando o reconhecimento à diversidade cultural desde as mais simples manifestações culturais.

Silva (2021) é enfático ao declarar que:

[...] a interculturalidade deve pautar pela garantia da igualdade de oportunidades, devendo compreender os conhecimentos e os saberes de cada povo e sua cultura. Proporciona o enriquecimento das diferenças culturais em uma ótica baseada na coletividade. A utilização deste conceito deve comungar um projeto que dá destaque ao fato de todas as culturas serem reconhecidas, com suas peculiaridades respeitadas, em que a diversidade cultural deve se interagir, no contexto sociocultural sem exclusão (SILVA, 2021, p. 30).

Nota-se, assim, que a interculturalidade aconteceu paulatinamente, por meios de muitas lutas e manifestações sociais pelos grupos minoritários. Segundo Walsh (2005):

[...] conceito de interculturalidade é central à (re)construção de um pensamento crítico-outro - um pensamento crítico de / desde outro modo-, precisamente por três razões principais: i) porque é vivido e pensado desde a experiência da colonialidade [...]; ii) porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade; e iii) porque tem sua origem no Sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global (WALSH, 2005, p. 25).

Conforme o olhar dessa autora, a interculturalidade precisa estar lado a lado com o meio educacional a fim de levar à descolonização do saber, promover a garantia de igualdade e de possibilidades de aprendizagens a todos grupos culturais, buscar a valorização da diversidade, por meio de discussões e propostas curriculares em diversos contextos, mediante uma perspectiva crítica que envolva as diversas situações sociais.

A interculturalidade crítica [...] é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização. Uma proposta e um projeto político que também poderia expandir-se e abarcar uma aliança com pessoas que também buscam construir alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental, e que lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes. Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. [...], é um projeto de existência, de vida (WALSH, 2007, p. 8).

Nesse sentido, a interculturalidade precisa ser entendida como um instrumento que possibilita a interação entre as pessoas de forma colaborativa, considerando suas peculiaridades e valorizando sua essência cultural. Por isso, os profissionais da educação necessitam de uma formação fundamentada em estudos e práticas que tenham discussões e suporte na relevância dos grupos sociais para que promovam aproximação de forma humanizada para maior compreensão e aplicação nas práticas pedagógicas, a fim de minimizar as desigualdades no meio social e cultural.

Sob a perspectiva de Walsh (2005), a interculturalidade é compreendida como:

- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade;
- Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença;
- Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados.
- Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade.
- Uma meta a alcançar (WALSH, 2005, p. 10-11).

Ressalto, então, que a sensibilidade para problemas relacionados às diferenças culturais vem crescendo nos espaços escolares. A partir desse contexto, são muitos os desafios para se obter de fato uma educação intercultural, principalmente, no que tange à perspectiva da interculturalidade crítica que tem sido assunto em palestras e debates nas secretarias de educação e nas escolas nos últimos anos com a inserção de atividades comunicativas e mais dinâmicas que busque destacar a pluralidade e a busca da compreensão das práticas sociais da linguagem dos sujeitos com o mundo em sua volta.

Tal fato ocorre visto que a função da docência vem se ampliando à medida que as comunidades se transformam e mudam em relação a seus direitos, sobretudo, sobre os avanços tecnológicos, o direito ao conhecimento e à cultura, a partir de novas formas de comunicação em meio às diversas linguagens que circulam na sociedade.

Diante disso, a escola precisa enfrentar os desafios da contemporaneidade. Desta feita, é fundamental que, na instituição de ensino, haja discussões por meio de palestras que envolvam questões étnico-culturais para que a comunidade escolar em geral compreenda as diferenças socioculturais que formam a sociedade brasileira. Para que isso aconteça, é necessário mudar sua organização e a forma de se relacionar com a sociedade na tentativa de diminuir os problemas socioculturais, com vistas a novas iniciativas que desempenhem papéis mais significativos, para que se alcance uma educação intercultural.

A educação numa perspectiva intercultural requer, portanto, a compreensão das interações humanas na sociedade, possibilitando condições para que todos os alunos e suas respectivas famílias, com suas culturas, sejam acolhidos no ambiente escolar para que haja crescimento mútuo gradativamente e uma aprendizagem significativa a partir de novas metodologias, sem a exclusão social e escolar.

Desde o princípio, nem todos os grupos tiveram uma valorização plena de sua cultura e de seu direito de viver como seres sociais. Alguns povos têm modos de vida diferentes, por isso, é fundamental que haja o reconhecimento da diferença e o respeito pelo outro, pois isso é a base para a construção das relações sociais em harmonia, construindo uma interação solidária, propiciando mudanças de paradigmas.

É importante em situações do dia a dia promover discussões de ideias interculturais na família e na escola, as quais possibilitem a formação integral do ser humano, por meio de assuntos sobre identidades que permitam a apresentação de opinião, mostrem de forma simples que a diversidade faz parte da formação do povo brasileiro.

Dessa forma, a troca de diálogos de caráter interdisciplinar em sala de aula amplia as possibilidades de reconhecimento das diversas culturas, favorecendo a interculturalidade.

Assim sendo, os professores precisam trabalhar a partir de novos olhares, que levem em conta os contextos sociais, busquem um entendimento significativo, façam com que as diferenças sejam vistas de outra forma.

Desse modo, a escola precisa procurar incentivar seus estudantes a pensarem criticamente um Brasil mais múltiplo e heterogêneo em sua formação cultural. A partir da perspectiva de que a educação é social, logo, deve ser para todos os indivíduos, independentemente de raça, cor, classe, ou seja, precisa levar em conta que as identidades que formam o Brasil, por exemplo, a identidade negra, que comumente tem sofrido discriminações nessa sociedade, foi formada mediante uma estrutura racista, em que os povos negros não foram (e não são) aceitos socialmente, e muitos deles sofrem por não terem nascidos brancos.

Nessa esteira, é importante ampliar os estudos sobre a diversidade nas instituições de ensino, fazer com que os estudantes compreendam e reflitam sobre o respeito à diversidade sociocultural. Portanto, as ações curriculares precisam ocorrer no sentido de evitarem a exclusão, por meio do exercício de práticas de respeito ao próximo. Ressalto que toda instituição de ensino precisa ter o reconhecimento da igualdade de todas as pessoas de gênero humano, para que aconteça de fato a integração entre as culturas.

Gomes (2005) expõe que o diálogo dos movimentos sociais é algo muito importante diante de ações e projetos interdisciplinares. Desta feita, a educadora afirma que:

É importante destacar o papel dos movimentos sociais, em particular, do Movimento Negro, os quais redefinem e redimensionam a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhe uma dimensão e interpretação políticas. Nesse processo, os movimentos sociais cumprem uma importante tarefa não só de denúncia e reinterpretação da realidade social e racial brasileira como, também, de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos (GOMES, 2005, p. 39).

Partindo dessa perspectiva, é de extrema importância que se tenha um currículo multicultural que aborda temas sobre diversidade, possibilita um ambiente mais acolhedor, que leve em consideração a realidade social dos alunos, para que se promova uma postura intercultural em sala de aula com mais criticidade e solidariedade nesse espaço, ofereça subsídios e traga reflexão para o âmbito escolar. Tais ações contribuirão para que cada aluno valorize a cultura do outro e entenda também sua própria identidade. Ademais, as vivências e as experiências de alunos e professores são também essenciais no sentido de se garantir um ensino que dê espaço e voz para as relações raciais.

Pensar a interculturalidade a partir da perspectiva da diversidade requer ações transformadoras, que oportunizem novas formas de pensar, bem como reconheçam a diferença

cultural e o modo de ver os outros e busquem, nesse sentido, a possibilidade de um saber universal, capaz de promover caminhos interculturais.

Entender la interculturalidad como proceso y proyecto dirigido hacia la construcción de modos ‘otros’ del poder, saber, ser y vivir, permite ir mucho más allá de los supuestos y manifestaciones actuales de la educación intercultural, la educación intercultural bilingüe o inclusive la filosofía intercultural. Es argumentar no por la simple relación entre grupos, prácticas o pensamientos culturales, por la incorporación de los tradicionalmente excluidos dentro de las estructuras (educativas, disciplinares o de pensamiento) existentes, o solamente por la creación de programas ‘especiales’ que permitan que la educación ‘normal’ y ‘universal’ siga perpetuando prácticas y pensamientos racializados y excluyentes (WALSH, 2009, p. 14).

Walsh (2009) mostra meios e novos conceitos para uma *práxis* de ensino intercultural a favor de uma educação transformadora, por meio da ética interculturalmente crítica, na luta pela compreensão de que o espaço escolar se forma pela riqueza da diversidade atrelado aos conhecimentos necessários para um ensino de qualidade e pelas múltiplas vivências que se constrói a cada dia.

A cultura está presente na sala de aula por meio de manifestações e costumes históricos que cada aluno traz consigo. No entanto, é preciso preparar os alunos para interagirem com as demais culturas de modo que possam explorar e problematizar todos os aspectos culturais sem que haja exclusão, busquem evolução no sentido de promover experiências significativas e enriquecedoras por meio do desenvolvimento da consciência cultural crítica e levem para a vida o respeito às diferenças como cidadãos num mundo que é tão globalizado.

No entanto, Candau (2011) considera que:

[...] a dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, ‘está no chão da escola’ e potencia processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou inferiorização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural (CANDAU, 2011, p. 253).

Logo, a escola possibilita o reconhecimento dos valores dos sujeitos socioculturais de modo positivo e favorece o desenvolvimento de práticas educativas que visam diferentes saberes frente a diversidade da linguagem, tendo consciência da sua variedade. Assim, torna-se necessário que o professor compreenda sua formação docente como um processo contínuo, destacando o ensino intercultural em uma escola que mostre a relevância de se tornar um ambiente plural sem discriminações.



A partir do momento em que o professor promove políticas e oferece práticas pedagógicas que busquem a interação, levem em conta as diferentes culturas, trazem o respeito entre elas, estarão trabalhando para uma educação intercultural, reconhecendo, assim, a cultura que o aluno traz consigo.

Em vista disso, tem-se a necessidade de mudança radical em relação às discriminações que prevalecem acerca da diversidade na escola e na sociedade, abrindo caminho para uma perspectiva crítica, ou pelo menos para que surjam mudanças significativas na história que prevalece na escola atualmente, onde, por exemplo, os negros são vítimas da colonialidade de poder, classificados por um sistema ideológico de dominação dos brancos. De acordo com Mignolo (2014):

La gramática de la descolonialidad (la descolonización del ser y del saber, de la teoría política y económica) comienza en el momento en el que actores que habitan lenguas y subjetividades racializadas y negadas en su humanidad, toman conciencia de los efectos de la colonialidad del ser y del saber (MIGNOLO, 2014, p. 93).

Diante dessa abordagem, o autor sugere que se promova a interculturalidade no espaço educacional e que se busque também a essência das identidades das pessoas nas vivências sociais, por meio da interação e da compreensão, respeitando a cultura do outro para que se possa construir uma sociedade multiétnica e pluricultural com caráter democrático, bem como eliminar a exploração social.

Walsh (2005) enfatiza que se faz primordial realizar estudos, com vistas a compreender a interculturalidade em seus diversos aspectos, por meio de uma análise mais criteriosa.

Além disso, carece-se de priorizar o desenvolvimento de projetos pedagógicos que contemplem diversas formas de leitura com uma nova visão que proporcione a interpretação, considere os contextos sociais da sociedade contemporânea, busque um entendimento significativo e valorize as diferenças culturais presentes em sala de aula. Entende-se com isso investigar os conteúdos trabalhados, especialmente, os de Língua Portuguesa voltados ao cotidiano dos alunos e trabalhados com temas ligados às suas vivências, à sua cultura.

Ao pensar numa proposta intercultural de educação, Reinaldo Fleuri (2000) afirma:

A educação intercultural reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre os diferentes grupos identitários. Além disso, a educação intercultural propõe construir a relação recíproca entre eles. Uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de reconhecimento recíproco e de interação. [...] A perspectiva intercultural da educação, enfim, implica em mudanças profundas na prática educativa, de modo particular na escola. [...] Pela necessidade de desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que

deem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes (FLEURI, 2000, p.79).

Portanto, para entender essa situação, os professores podem desenvolver projetos pedagógicos que atendam aos interesses de todos os grupos sociais presentes na escola, possibilitando uma educação intercultural para que se tenha mais qualidade no ensino. Considerando, portanto, os diversos aspectos culturais da comunidade. Destaco assim, o quão é importante acolher e compreender a realidade local, buscando um método educativo que ajude de fato com a consciência dos educandos, mediadores culturais, e alcance a transformação social.

Nesse sentido, Candau (1998, p. 182) destaca que:

A cultura escolar predominantemente nas nossas escolas se revela como ‘engessada’, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças, jovens a que se dirige e à multiculturalidade das nossas sociedades. Parece que o sistema público de ensino, nascido no contexto da modernidade, assentado no ideal de uma escola básica a que todos têm direito e que garanta o acesso a todos os conhecimentos sistematizados de caráter considerado “universal”, além de estar longe de garantir a democratização efetiva do direito à educação e ao conhecimento sistematizado, terminou por criar uma cultura escolar padronizada, ritualística, formal, pouco dinâmica, que enfatiza processos de mera transferência de conhecimentos, quando esta de fato acontece, e está referida à cultura de determinados atores sociais, brancos, de classe média, de extrato burguês e configurado pela cultura ocidental, considerada como universal.

A partir do exposto, nota-se que a escola é o lugar responsável pela promoção dos vários saberes, logo, se torna um local propício de valorização cultural dos vários grupos sociais e, com isso, tem a função de possibilitar ao conhecimento da diferença enquanto ação pedagógica, na tentativa de mostrar caminhos que levem a produção do conhecimento sem situações conflituosas entre eles por meio de novas éticas.

Rojo (2009) menciona uma abordagem importante a esse respeito:

Podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas duas últimas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação (ROJO, 2009, p. 105).

No entanto, é necessária uma mudança de paradigmas na comunidade global, e estas alterações também devem refletir no ambiente escolar, com a diversidade linguística e cultural, daí a importância de repensarmos nosso lugar e as nossas práticas metodológicas diante desse cenário cultural a nossa volta. Logo, a escola tem uma função de grande importância no desenvolvimento de novas práticas por meio dos novos letramentos a partir do cotidiano dos alunos. Entretanto, para concretizar esse ideal é preciso, também, vislumbrar ideias que tornem esse processo exequível na educação.

Diante disso, é fundamental buscarmos maior interação entre a comunidade escolar, a qual pode promover a interligação entre o ensino e a cultura local, a fim de propiciar um ambiente acolhedor aos alunos, dando-lhes liberdade para interagirem com as diversas culturas e se comunicarem espontaneamente. Diante dessa discussão, é importante destacar que os professores precisam estar preparados para lidar com muitos desafios em sala de aula em relação às diversas linguagens e entenderem a diversidade como um elemento capaz de garantir que a sala de aula seja um ambiente significativo ao aprendizado.

Portanto, desenvolver novas praxiologias é fundamental, pois ajuda no entendimento de como as práticas pedagógicas se realizam considerando as necessidades dos educandos diante da diversidade numa perspectiva de um ensino dinâmico. Isso favorece ao professor que caminhe por novos horizontes e enriqueça sua prática docente, pois, a partir dessas ações, surgem novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, por meio do reconhecimento da diversidade humana que compõem a sociedade.

### **2.3 Interculturalidade nas aulas de Língua Portuguesa**

As diversas linguagens no contexto escolar e a diversidade cultural são questões que precisam ser discutidas nas formações e palestras educacionais. Em seus estudos, Rojo (2012) afirma que todos vivem em uma sociedade marcada pelas múltiplas formas de interação e comunicação, que são conduzidas pela diversidade de mídias, gêneros e linguagens. A sociedade é plural tanto na cultura quanto na linguagem, sendo assim, é preciso promover desenvolvimento contínuo, com diferentes ações e habilidades para, dessa forma, acompanhar a evolução do mundo contemporâneo. Para a autora, essa sociedade plural precisa caminhar rumo a novos letramentos, partindo do entendimento de desenvolver práticas para que diferentes experiências sejam vividas a partir dos novos letramentos. Nesse sentido, os professores de Língua Portuguesa necessitam, em suas práticas docentes, desenvolver atividades pensando numa turma cada vez mais heterogênea e proporcionar a eles novas habilidades de leitura de mundo.

A respeito disso, Rojo e Moura (2013) esclarecem que:

[...] na contemporaneidade, uma educação linguística adequada a um alunado multicultural se configura, segundo a proposta, como aquela que possa trazer aos alunos projetos (designs) de futuro que considerem três dimensões: a diversidade produtiva (no âmbito do trabalho), o pluralismo cívico (no âmbito da cidadania) e as identidades multifacetadas (no âmbito da vida pessoal) (ROJO; MOURA, 2013, p. 14).

Sob essa ótica, posso afirmar que em toda comunidade de fala, existem variedades linguísticas que são construídas a partir de diversos fatores, como casos culturais, regionais, as classes que os sujeitos pertencem na sociedade, escolaridade e, conseqüentemente, essas diferenças estão relacionadas ao papel que cada um representa no meio social. Para Bagno (2007), não existem discursos perfeitos, mais bonitos do que outros e, desse modo, o autor assinala que todas as variedades linguísticas são merecedoras de atenção.

As variações se constroem naturalmente, pois a língua está relacionada com a cultura e tem capacidade de se transformar e não se deve limitá-la, pois está ligada à essência de cada sujeito. Logo, a diversidade linguística está ligada à história cultural do povo que vai sofrendo mudanças na fala no decorrer dos anos, conforme suas localidades nas diferentes áreas geográficas.

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

Entretanto, refletir sobre a interculturalidade no espaço escolar é colocá-la de um jeito mais amplo, mais consciente e reflexivo, em que grupos sociais, que compõem este espaço, comuniquem-se a partir de um olhar horizontal:

[...] que penetre todas as práticas sociais e seja capaz de favorecer processos de democratização, de articular a afirmação dos direitos fundamentais de cada pessoa e grupo sociocultural, de modo especial os direitos sociais, econômicos e culturais, com o reconhecimento dos direitos à diferença (CANDAUI, 2008, p. 108).

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa de acordo com as competências específicas para o Ensino Fundamental busca adquirir competência em relação à linguagem possibilitando aos alunos por meio de experiências conscientes, resolverem problemas da vida cotidiana, terem acesso a bens culturais, expressarem-se e conseguirem expor pontos de vista rumo à participação na vida social.

Para viabilizar aos alunos o desenvolvimento de competências (conhecimento e habilidades) relacionadas a determinadas bases tecnológicas, científicas e instrumentais, serão adotadas, como prática metodológica, formas ativas de ensino e aprendizagem baseadas em interação pessoal e de grupo, sendo função do professor estimular a integração dos alunos para que se aperfeiçoe o processo de socialização na construção do saber para que reconheçam a multiplicidade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea. Compreender a língua como fenômeno cultural, social, variável, heterogêneo com um olhar

sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades e da comunidade a que pertencem a partir das características da interculturalidade.

Para Candau e Moreira (2008), a troca de diálogo que se estabelece com as diversidades presentes no ambiente escolar, leva a refletir sobre a diversidade cultural que está presente na sala de aula e faz com que modifique consideravelmente o processo de ensino e aprendizagem, colocando os professores diante de grandes desafios.

Importante repetir que, como a sociedade atual tem sofrido grandes mudanças em vários aspectos que vão desde a vida social até a cultural, a partir daí, surge a necessidade de políticas de inclusão acerca da diversidade cultural presente nas escolas, a fim de diminuir problemas socioculturais gerados por situações preconceituosas em espaços públicos e atitudes discriminatórias que causam impacto no processo de aprendizagem.

Dentre as principais contribuições sobre a interculturalidade na educação, Candau (2000) se destaca por abordar a educação intercultural como fundamental para educar os indivíduos e conduzi-los para conviverem no mesmo espaço de forma consciente. Refletir sobre a formação de professores nessa perspectiva se torna um passo importante para ultrapassar as barreiras que existem no processo de escolarização em relação às diferenças culturais, principalmente em relação às linguagens. Portanto, para entender essa situação, os professores precisam desenvolver projetos pedagógicos que atendam aos interesses de todos os grupos sociais que compõem o ambiente escolar, abrindo espaço para a dinamicidade e ações colaborativas, possibilitando, assim, uma educação intercultural.

Repito que a escola é o lugar responsável pela promoção dos vários saberes, logo, torna-se um local propício de valorização cultural dos diferentes grupos sociais e, com isso, tem a função de possibilitar ao conhecimento da diferença como ação humanizadora, na tentativa de mostrar caminhos nos quais se tenha mais respeito em relação ao outro.

Cavalcanti (2003, p. 22) “[...] concebe-se a escola não como lugar único de aprendizado, mas como um novo espaço e tempo educativo que deve integrar-se ao sistema mais amplo de educação de cada povo”. Portanto, é preciso refletir e reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural, formada por diferentes grupos, a partir daí, deve-se incentivar os alunos a refletirem de forma crítica sobre contextos históricos e a formação cultural desse país tão heterogêneo. Consequentemente, nós professores precisamos estar preparados para ajudar os educandos a reconhecerem que, a partir dos grupos diversos que formam o espaço escolar, pode-se aprender com eles.

Dessa forma, ao pensar em educação, torna-se fundamental compreender a comunidade em que os indivíduos vivem, suas origens, buscando analisar de forma

permanente sua estrutura social e a realidade de suas famílias, na luta por um ensino de qualidade e democrático, onde aja empatia. É, pois, nesse sentido, que Gomes (2003, p. 72) salienta que “Cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados”. Nesse contexto, torna-se essencial que professores e alunos busquem por novas reflexões levando em conta a pluralidade cultural para que todos possam se sentirem valorizados, colocando os alunos como sujeitos de conhecimento ativo em sala de aula. Com isso, torna-se relevante que os professores estejam certos de seu papel como mediadores do conhecimento, promover a integração das culturas em sala de aula e considerar as diferenças entre elas.

Os professores deverão estar preparados para ajudarem os alunos a reconhecerem que os diversos grupos e os diferentes modos de falar formam a sociedade brasileira. Sobre esse processo de ensinar e aprender, Freire (2003, p. 47) destaca que:

O aluno precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como aluno significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer.

Diante do exposto, ao pensar em educação, torna-se fundamental abrir diferentes caminhos para uma aprendizagem significativa, pois não podemos fechar os olhos diante dos desafios ao lidar com a diferença. Proporcionar novos meios de aprendizagem, deixar que os alunos sejam protagonistas do saber, dar oportunidades para que se comuniquem abertamente, para que conheçam o outro, deixar que assumam mais responsabilidade pelo seu conhecimento e assim, busquem uma interação face a face, isso está intimamente ligada a interculturalidade.

Para Gomes (2003, p. 72-74), “cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados”. Cabe, então, ao professor buscar novas reflexões levando em conta a pluralidade cultural e linguística para que todo aluno possa se sentir valorizado onde estiverem.

Importante dizer que, no processo de ensino, os alunos, principalmente os do Ensino Fundamental, etapa estudada nesta pesquisa, precisam de apoio e de estímulos, pois necessitam que auxiliem na sua formação. Assim, os professores precisam fazer essa ponte por meio de situações comunicativas e proporcionar momentos significativos, que oportunizem aos alunos a compreensão da diversidade linguística por meio de experiências de aprendizagem vivenciadas em sala de aula.

## 2.4 Letramentos

O ensino de Língua Portuguesa no contexto escolar possibilita a aprendizagem de fatos linguísticos que aproximem a comunicação com indivíduos de diversos lugares e que estimulem e insiram a utilização de linguagens de outras culturas, destacando suas características, afastando o preconceito que ainda existe no espaço escolar. O professor, ao ensinar esse componente curricular, possibilita uma contribuição para que o aluno cresça e amplie sua oralidade e desenvolva sua escrita por meio da leitura, da produção de textos e troca de saberes por meio dos letramentos.

Segundo Rojo (2012), a sociedade contemporânea é caracterizada por um contexto emergente de novos letramentos e culturas híbridas. Sendo assim, no que tange aos múltiplos letramentos, destacam-se dois tipos específicos e importantes de multiplicidades – a multiplicidade de linguagens e a multiplicidade de culturas. Dessa forma, são necessárias diferentes formas de aprendizagens para ensinar e aprender e os professores, principalmente, os professores de línguas necessitam de preparo para lidarem com a diversidade em suas salas de aula.

O papel da escola não deve ser só o de ensinar a ler e escrever, mas, direcionar as práticas do cotidiano dos alunos para que ele aja de forma mais ativa por meio de uma aprendizagem mais adequada e significativa. Soares (2002) discute que o letramento em uma perspectiva social está relacionado ao meio cultural, envolve os desafios sociais de uso da língua nos diversos espaços de convívio, necessita possibilitar uma maior compreensão de mundo, levar o aluno à transformação da realidade social para que se tenha novos significados no meio em que vive.

Nesse viés, Rojo (2007) defende que:

[...] [t]rata-se, então, de se estudar a língua real, o uso situado da linguagem, os enunciados e discursos, as práticas de linguagem em contextos específicos, buscando não romper esse frágil fio que garante a visão da rede, da trama, da multiplicidade, da complexidade dos objetos-sujeitos em suas práticas (ROJO, 2007, p. 1762).

A autora mostra preocupação com as práticas de linguagem e suas especificidades, que se torna necessário abrir espaço aos múltiplos aspectos da língua nos diferentes contextos da contemporaneidade e assim proporcionar experiências de aprendizagens mais significativas. Assim, torna-se relevante construir diferentes caminhos da língua no âmbito escolar de forma ampla que leve em conta o cenário atual a partir da pluralidade de ideias.

Para a autora (2009, p. 12), “[...] cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica”. Nesse sentido, ela traz reflexões relevantes na perspectiva de envolver diferentes modalidades de linguagem além da escrita, além da sala de aula, algo que considere os avanços e as mudanças nos processos educacionais e sociais nos dias atuais:

[...] as práticas didáticas de leitura no letramento escolar não desenvolvem senão uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade abrangente: aquelas que interessam à leitura para o estudo na escola, entendido como um processo de repetir, de revozejar falas e textos de autor(idade) – escolar, científica – que devem ser entendidos e memorizados para que o currículo se cumpra. (ROJO, 2004, p. 01).

O desenvolvimento das diversas linguagens precisa fazer parte das reflexões e planejamentos nos cursos de formação de professores para que possam compreender desde o início de sua formação a relevância das práticas de letramentos, com diferentes propostas de ensino, visto que é um desafio no ensino atual para professores de Língua Portuguesa compreender a multimodalidade dos textos e as novas práticas de letramentos, pois exige entendimento de diferentes conhecimentos e novas habilidades como uma prática social. Rojo (2012, p. 8) acrescenta que a sociedade atual exige novas possibilidades de letramentos, pois:

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO, 2012, p. 8).

No contexto escolar, a multiplicidade de linguagens bem como a pluralidade e a diversidade cultural são questões que devem ser consideradas e trabalhadas sob a ótica de uma pedagogia dos multiletramentos, ou seja, os professores necessitam implementar em suas atividades docentes práticas multiletradas frente ao fenômeno da modernidade, com vistas a atender a um alunado cada vez mais plural, crítico e criativo nesse mundo globalizado. Sob essa perspectiva, Rojo (2009) salienta que, ao pensar nas práticas sociais.

O ‘significado do letramento’ varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p. 99).



Em vista disso, outro aspecto importante a respeito das práticas de linguagem, considerando a realidade da educação atual dentro da perspectiva dos multiletramentos, é o professor entender a concepção de práxis pedagógica, para um melhor entendimento sobre teoria, prática e reflexão, que abre caminho para uma visão crítica e inovadora.

Como professora há mais de 15 anos, posso dizer que as práticas do professor exigem certas ações que muitas vezes não são aprendidas durante a graduação. Esses saberes e habilidades são construídos ao longo dos anos de atuação, dentro da sala de aula, nas atividades diárias que são realizadas com os alunos, nas quais é possível ter a troca de saberes sob diferentes práticas de letramentos e, são, nessas práticas, que o aluno adquire conhecimentos e pode aplicar além dos muros da escola, sendo possível assim, reconhecer sua própria linguagem.

Destarte, compreender a diversidade de práticas de letramentos envolve diversos conhecimentos em áreas diferentes que formam a sociedade atual, faz parte de um conjunto de práticas sociais e representa diversas formas de ver as múltiplas linguagens que os alunos usam dentro e fora da escola.

Ressalto como professora de Língua Portuguesa que a linguagem necessita ser trabalhada de diversas formas e não é pertinente classificá-la como certa ou errada, se torna interessante mostrar sua melhor versão como docente para criar métodos eficazes a fim de melhorar as práticas dia após dia, favorecendo trocas de experiências envolvendo todos e considerando os aspectos culturais a partir das práticas de letramentos.

Street (2012, p. 70) argumenta que “[...] analisar e não apenas descrever o que acontece nos contextos sociais em relação aos significados e aos usos do letramento”, tem expressado sua grande importância e o uso de forma com mais zelo do conceito de “práticas de letramento”.

Nesse sentido, a linguagem é considerada o centro de tudo o que acontece na escola, especificamente na sala de aula, pois é utilizada por todos, alunos e professores, aparece nos materiais didáticos, nos textos multimodais, logo, promove interação no contexto escolar.

Street (2014, p.17), afirma que, nos últimos tempos, o interesse dos pesquisadores que estudam letramento cresceu significativamente e isso levou a grandes mudanças nos focos de grande parte dos trabalhos dos professores. Também, Freitas (2019) expõe que se precisa:

[...] [c]onsiderar o conceito de multiletramento e compreendê-lo no contexto atual requer uma releitura dos cursos de formação de professores e uma busca por processos inovativos no intuito de gerar uma reflexão sobre as novas práticas que possibilitem o desenvolvimento da capacidade de leitura e de compreensão do mundo e não apenas de conteúdos (FREITAS, 2019, p. 70).

Todos os autores abordados nesta pesquisa trazem reflexões importantes e propõem práticas de linguagem no contexto escolar de como o professor pode agir numa perspectiva intercultural em sala de aula. Sob essa ótica, dos estudos de letramento, possibilita o entendimento do que as pessoas fazem em relação à linguagem através de um processo de interlocução em suas práticas sociais. É necessário que as pessoas compreendam os letramentos no meio social e cultural. Nesse contexto, práticas de letramento se apresentam de suma importância para o exercício pleno da cidadania:

[...] necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte, devido às novas TICs, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade (ROJO, 2012, p. 12).

Nesse contexto, os meios como as pessoas interagem com o mundo dizem muito dos seus processos de letramento e isso me leva a refletir sobre as novas formas de letramento diante da diversidade cultural presente na escola. De acordo com Rojo (2014), a organização da BNCC por meio de Campos de Atuação representa um significativo avanço, pois [o]s campos de atuação vão influenciar muito na prática do professor e no dia a dia da escola. Logo:

Estamos partindo da concepção de que os textos fazem sentido – sejam eles digitados ou impressos – em um determinado contexto, regido pelo campo de atuação. Afinal, as interações são feitas de maneiras diferentes dependendo do contexto. Agora, a ideia é que o professor preste atenção a como esses campos funcionam e como os gêneros se encaixam em cada um (ROJO, 2014, p. 33).

Ao refletir sobre o sistema de ensino é preciso levar em consideração a importância de reconhecer as diferentes culturas e linguagens e buscar compreender as diversas dinâmicas da sociedade atual, a fim de compartilhar saberes por meio de um projeto educativo que garanta sucesso na aprendizagem. Nesse sentido, Carvalho e Mendonça (2006, p. 10) destacam que:

As práticas sociais que se realizam entre os sujeitos por meio da linguagem encontram-se inevitavelmente baseadas no Letramento, condição em que existe um conhecimento sobre a escrita que as pessoas, mesmo sem saber ler ou escrever, dominam. Tal conhecimento é adquirido pelo fato de que estas pessoas estão inseridas numa sociedade letrada. Neste tipo de sociedade, a escrita passa a funcionar como mediadora entre tais práticas e os sujeitos, constituindo eventos de letramento. Assim, as práticas letradas influenciam todos os indivíduos. Por esta razão, pessoas que vivem em sociedades letradas não podem ser chamadas de iletradas, mesmo que sejam não alfabetizadas (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 10).

Ante o exposto, é importante que se permita entender a importância de conhecer o outro, compreender sua fala, saber da sua história, a fim de reconhecer que, na sociedade, não

existe só uma forma de se comunicar e de interagir, ter a responsabilidade de contribuir no desenvolvimento do aluno e garantir saberes necessários para seu crescimento na sociedade. É fundamental refletir sobre o fazer pedagógico, levar em consideração as novas práticas de letramentos, que contemplem os aspectos culturais dos alunos por meio de um olhar reflexivo, reforçam de maneira positiva a diversidade linguística na escola, para que se consiga um ensino mais significativo, comprometido com ações democráticas com relevância social.

Desse modo, Rojo (2012) ressalta que:

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade de práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 131).

Repensar práticas de letramentos em sala de aula leva a perceber esse local como um lugar formado por diferenças culturais, linguísticas e identitárias, daí a importância de se reconhecer valores interculturais. Para tanto, no ensino contemporâneo se encontra uma necessidade urgente de transformação nas práticas de formação dos professores com novas possibilidades de trabalhar os letramentos e o desenvolvimento do professor, por meio de diálogos de forma intercultural que possibilitem entender o quão é complexa a questão da diversidade cultural presente nas escolas em geral, apresentar reflexões das necessidades de aprendizagem em relação a leitura de mundo, para que aumente o potencial do aluno em todos os aspectos. Desse modo, entender as práticas de ensino a partir das práticas sociais, significa ter o reconhecimento de que sua abordagem não está limitada a um saber preciso, e, sim, aberta a novas possibilidades de crescimento por meio das interações pessoais,

A sociedade vem passando por transformações de forma rápida, então, torna-se substancial que o professor acompanhe o avanço no ensino com novas maneiras de aprender e ensinar a partir de um conjunto de ideias pedagógicas. A diversidade de linguagens requer de nós professores mais habilidades e competências gerais que o cenário atual exige, para trabalhar os letramentos e enfrentar os desafios da diversidade cultural, isso pode fortalecer e enriquecer a maneira de interpretar o mundo e amplia esse leque cultural.

As diversas culturas se relacionam para a formação de um sujeito, assim como para a interação dele com o meio em que vive e isso influencia diretamente nas práticas de letramentos, a partir de dois fatores principais, a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de linguagens (ROJO, 2012). Daí a importância dos novos letramentos, por exemplo, as plataformas digitais, sendo novas formas linguagens e que possibilitam novas habilidades de

leitura e escrita, proporciona atitudes sociais, maior flexibilidade e qualidade no processo de ensino-aprendizagem:

[...] por efeito dos focos disciplinares, em geral e com poucas exceções, os textos que tratam do processo de ensino-aprendizagem dão pouca atenção ao papel da linguagem nesse processo, e aqueles que tratam da organização das falas em sala de aula pouco se detêm no quê e como foi ensinado e naquilo que foi aprendido. Isso tem dificultado a interpretação das análises que tomam como pressuposto que é a linguagem e o discurso que dão materialidade ao processo de ensino-aprendizagem de sala de aula (ROJO, 2007, p. 339).

Diante disso, a escola, por meio de novas ferramentas devido ao avanço e rapidez que o mundo se transforma, tem mais capacidade de enfrentar os desafios da contemporaneidade. Logo, é fundamental que, na escola, haja discussões por meio de palestras que envolvam questões étnico-culturais com vistas ao desenvolvimento de letramentos para que a comunidade escolar em geral compreenda as diferenças socioculturais existentes no país. Sob essa perspectiva, Rojo (2008) afirma que:

[...] trata-se de dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam (ROJO, 2008, p. 91-92).

Sob esse entendimento, volto meu olhar para as práticas de letramentos na perspectiva de novas e diferentes formas de linguagens, o que possibilita a construção de novas habilidades no ensino de Língua Portuguesa. Analisar as práticas de letramentos que são desenvolvidas em sala de aula requer uma atenção especial aos aspectos que constrói esse espaço e a cultura escolar, assim, é imprescindível analisar os materiais didáticos utilizados durante a aula, bem como outros meios que influenciam o trabalho pedagógico a fim de ampliar os letramentos críticos dos educandos.

A linguagem verbal, especialmente a escrita, já não é mais o único nem o principal meio disponível para construirmos sentidos válidos: podemos lançar mão de múltiplos recursos, que incluem a linguagem escrita, mas não se limitam a ela – a linguagem visual e a auditiva, por exemplo, assim como a interatividade do hipertexto e a multimodalidade de websites abrem uma gama enorme de procedimentos interpretativos que influenciam nossas maneiras de construir sentidos, mesmo junto às camadas da população global que ainda vivem supostamente à margem das sociedades digitais em vários países (JORDÃO, 2007, p. 20).

No entanto, são muitos desafios que os professores precisam enfrentar na educação atual, pois o avanço acontece de forma rápida, basta refletir que todos vivem em contextos sociais, em meio a um conjunto de fatores como a linguagem, grau de estudo, relações

humanas, diversidade cultural, condições econômicas, que estão ligadas com a integração de um sujeito na sociedade. Ao se refletir sobre esses aspectos, fica fácil entender que os diversos letramentos contribuem para a construção de uma base sólida da identidade dos indivíduos, traz respeito às reflexões individuais ou coletivas, bem como a forma de pensar e de conviver com o outro no mundo. O contexto escolar contemporâneo necessita de maior compreensão sobre os tipos de letramentos para ensinar a partir de planejamentos bem definidos, com novas habilidades, envolvendo atividades mais contextualizadas, a fim de ressignificar a dimensão social e explorar situações vivenciadas no dia a dia do aluno.

Sob esse olhar, Rojo (2009) menciona a importância do papel da escola no sentido de estimular a participação dos educandos nas práticas sociais da oralidade, escrita e leitura dos mais diferentes gêneros textuais e (letramentos), numa perspectiva ética e interpretativa. Para isso, a autora destaca que é necessário considerar:

Os multiletramentos ou letramentos múltiplos, deixando de ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) e colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais; como diria Souza-Santos (2005), assumindo seu papel cosmopolita.

Os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o designer etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea (MOITA-LOPES; ROJO, 2004).

Portanto, a escola é considerada uma importante agência de letramento, pode atuar como meio de experienciar diferentes maneiras de representação em práticas sociais letradas, que seja possibilitada problematizações sobre o contexto em que estão situados, em que os diversos letramentos da vida social possam ser referência para o trabalho pedagógico em todas as etapas de ensino escolar.

Rojo (2009) ressalta, ainda citando Moita-Lopes e Rojo (2004) que:

o fato de que a linguagem não ocorre em um vácuo social e que, portanto, textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas interlocutores (escritores e leitores, por exemplo) situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, histórias e desejos constroem seus significados para agir na vida social. Os significados são contextualizados. Essa compreensão é extremamente importante no

mundo altamente semiotizado da globalização, uma vez que possibilita situar os discursos a que somos expostos e recuperar sua situacionalidade social ou seu contexto de produção e interpretação: quem escreveu, com que propósito, onde foi publicado, quando, quem era o interlocutor projetado etc. Tal teorização tem uma implicação prática, porque possibilita trabalhar em sala de aula com uma visão de linguagem que fornece artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer escolhas éticas entre os discursos em que circulam. Isso possibilita aprender a problematizar o discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que desrespeitem a diferença (ênfase adicionada) (MOITA-LOPES; ROJO, 2004, p. 37- 38 apud ROJO, 2009, p. 108).

Segundo a autora, os múltiplos letramentos presentes no espaço social são possíveis de serem compreendidos nas mais diversas culturas, por meio de práticas fundamentais desse campo de estudo, textos de diferentes gêneros, auxiliando na formação dos alunos com suas realidades.

Quando se leva para o ambiente escolar o letramento como prática social, fica mais fácil entender o letramento como importantes práticas de construção de sentidos em diversos aspectos, pois ele consiste num processo dinâmico e significativo, que é construído e reconstruído por meio das interações pelos sujeitos que estão inseridos nos diferentes grupos sociais. Nesse sentido, desenvolver ações educativas, por meio das práticas de letramentos, pensamento linguístico, são fundamentais para a aprendizagem dos educandos, proporciona maior percepção da realidade do mundo. Assim:

A maneira como entendemos o mundo influencia nossas concepções educacionais e, evidentemente, condiciona determinadas perspectivas diante do papel das línguas na formação das pessoas. Mas não é só isso: o mundo contemporâneo, com uma classe média produtiva e globalizada, coloca a Interculturalidade e o ensino/aprendizagem de línguas num espaço diferenciado: comunicar-se neste mundo global passa pelo uso de uma língua, estrangeira ou não, e pela consciência da própria cultura e da cultura do outro (JORDÃO, 2007, p. 20).

Dessa forma, promover esse meio de interagir criticamente com os diversos grupos da escola leva os alunos a compreenderem que os significados ligados à vida social são desenvolvidos a partir da própria linguagem, considerando os diversos elementos sociais, como os valores culturais de determinado grupo social e suas particularidades.

Posso afirmar então que se constrói grandes significados acerca dos textos como práticas discursivas ao considerar seu contexto histórico, influenciadas por diferentes manifestações culturais na construção de saberes e isso reflete de forma positiva quando se promovem práticas de letramentos que circulam socialmente. Essas práticas fortalecem o carácter intercultural das interações sociais, o que promove repercussão na vida dos sujeitos na sociedade ao pensar na interação discursiva e na realidade da linguagem, ampliando progressivamente suas habilidades enquanto atividade humana.

Nessa direção, desenvolver projetos de letramento é um meio de abrir caminho para os alunos reconhecerem e experimentarem diferentes situações que envolvem as práticas sociais letradas. Em outras palavras, linguagem e vida não podem ficar dissociadas, logo, o olhar da multiplicidade dos letramentos, como meio de interação na construção do processo de aprendizagem que precisam estar metodologicamente situados no contexto em que os alunos vivem, ajuda no entendimento das diversas modalidades da linguagem como diversidade cultural-linguística e semiótica que está presente no contexto social contemporâneo. Street (2006), sobre esse assunto, declara que:

O que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de prática de letramento em que a pessoa está comprometida. [...]. Eu gostaria de sugerir que isso é característico dos modos como letramento e personalidade estão interligados em diversos discursos culturais e serve para nos lembrar que a aquisição do letramento envolve mais do que habilidades meramente técnicas (STREET, 2006, p. 469).

Em síntese, as considerações aqui apresentadas levam-nos a refletir sobre a linguagem como uma importante atividade sociointeracional nas diversas práticas discursivas que circulam nos ambientes sociais, a multiplicidade das práticas de letramentos e as novas possibilidades de disseminar conhecimento, possibilitam enriquecer o trabalho pedagógico com novos olhares, o que favorece para a construção de outros conceitos.

No próximo capítulo, apresento de forma detalhada por meio de uma discussão simples, a análise do documento apreciado, que foi um passo relevante para a construção dessa dissertação.

## **CAPÍTULO 3- A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I SOB O PRISMA DA BNCC E DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MATO GROSSO**

### **3.1 O que diz a BNCC?**

A diversidade é muito mais do que o conjunto das diferenças. Ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças a qual está ligada às relações de poder, aos processos de colonização e dominação. Portanto, ao falarmos sobre a diversidade (biológica e cultural) não podemos desconsiderar a construção das identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais.

Nilma Lino Gomes

A BNCC, documento normativo, apresenta caminhos que levam ao reconhecimento da diversidade cultural, com discussões sobre os diversos aspectos da diversidade relacionados aos grupos sociais que compõem as diversas comunidades, trazendo aprendizagens essenciais que todo aluno precisa desenvolver em sua jornada estudantil por meio dos diferentes gêneros textuais. Partindo desse pressuposto, pode perceber esses aspectos dentro das competências gerais na BNCC, nas mais variadas áreas de conhecimento, por exemplo:

[...] história, geografia, religião, artes, dentre outros. Na área do conhecimento Ciências Humanas, no componente curricular de História, por exemplo, a inserção da diversidade cultural é assim ressaltada: Convém destacar as temáticas voltadas para a diversidade cultural e para as múltiplas configurações identitárias, destacando-se as abordagens relacionadas à história dos povos indígenas originários e africanos. Ressalta-se, também, na formação da sociedade brasileira, a presença de diferentes povos e culturas, suas contradições sociais e culturais e suas articulações com outros povos e sociedades (BRASIL, 2018, p. 399).

No que diz respeito especificamente à Língua Portuguesa, a BNCC a define como “linguagem verbal” ser aquela que:

[...] representa o conjunto estruturado e sistemático, em diferentes variedades linguísticas, de recursos expressivos da língua de uma comunidade; o sistema cultural e antropológico de representação/significação da realidade em que as expressões da língua podem ser interpretadas; e os meios linguísticos que permitem situar essas expressões no contexto em que são produzidas (BRASIL, 2018, p. 1).

Em relação à primeira competência específica de Língua Portuguesa, traz o reconhecimento da língua como meio de formação das identidades, sendo elemento essencial cultural nos diversos contextos de uso nas comunidades de fala.



Rojó (2014) destaca que o modo como a BNCC está organizada representa um grande avanço por meio das novas competências de atuação. Tal fato auxiliará de forma significativa as práticas docentes, pois aborda discussões em torno dos diversos contextos, como históricos, de etnias indígenas e dos povos africanos na formação da sociedade brasileira.

Dáí a importância de o professor considerar as características individuais e particularidades de seus alunos pensando na diversidade de linguagens e de culturas, por meio dos diversos saberes no processo ensino e aprendizagem, destacando a relevância das experiências interculturais em seu fazer docente. Cabe ressaltar que é fundamental o professor analisar e preparar materiais que contemplem a diversidade, com intenção de ampliar o repertório dos educandos, bem como possibilitar a interação com as diversas linguagens com vistas a lecionar na perspectiva dos letramentos.

De acordo com a BNCC, desenvolver trabalhos a partir das relações linguísticas na construção social se torna significativo na vida dos alunos e precisa contar com diferentes materiais textuais que estejam ligados ao processo de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa em sala de aula, possibilitando situações discursivas entre os alunos (BRASIL, 2018). A BNCC esclarece que:

Se uma face do aprendizado da Língua Portuguesa decorre da efetiva atuação do estudante em práticas de linguagem que envolvem a leitura/escuta e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, situadas em campos de atuação específicos, a outra face provém da reflexão/análise sobre/da própria experiência de realização dessas práticas. Temos aí, portanto, o eixo da análise linguística/semiótica, que envolve o conhecimento sobre a língua, sobre a norma-padrão e sobre as outras semioses, que se desenvolve transversalmente aos dois eixos – leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica – e que envolve análise textual, gramatical, lexical, fonológica e das materialidades das outras semioses. Ação social significa desenvolver nos estudantes uma postura autônoma e investigativa, em que sejam capazes de refletir e desenvolver pensamento crítico (BRASIL, 2018, p. 82).

A BNCC (Quadro 3), ao possibilitar estudos e atividades que contemplem a multiculturalidade a partir da vida cotidiana, aponta a importância da empatia e destaca a necessidade de se trabalhar com os alunos por meio do objeto de conhecimento o “Eu e o Outro”. O objetivo desse tipo de procedimento é promover reflexão diante das diferenças e das questões históricas dos diversos grupos sociais considerando a história local e regional por meio de diversas habilidades. Ou seja, pelo uso da linguagem, envolvendo a multimodalidade de textos, imagens, materiais didáticos tecnológicos e considerando as esferas sociais na tentativa de ampliar possibilidades e ultrapassar as barreiras da linguagem que provocam desigualdades.

**Quadro 3** - Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do Planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da BNCC divulgada pelo MEC (2018)

Esse documento aborda, ainda, uma discussão democrática e procura mostrar ao aluno diversos saberes para promover uma proposta educativa que contemple de forma geral aprendizagens do mundo social e cultural, para que possibilite a ele uma plena interação com os diversos grupos étnicos, por meio de uma linguagem e de saberes que promovam o exercício da cidadania.

Ao analisar a Base Nacional Comum Curricular (2018), no que tange à Língua Portuguesa, é possível encontrar indícios da repercussão do pensamento bakhtiniano em alguns aspectos:

Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de

análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações (BRASIL, 2018, p. 506).

Nessa perspectiva, a área de Linguagens, na BNCC, é composta por elementos da vida social, os quais buscam ampliar a aprendizagem dos alunos nas diversas linguagens, haja vista que:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (BRASIL, 2018, p. 63).

Nesse sentido, é preciso que os professores estejam certos de seu papel como mediadores do conhecimento, promovendo a integração das culturas e considerando as diferenças. Por meio do conhecimento intercultural, busca-se criar espaços de mútua interação entre os educandos, tanto em âmbito teórico quanto prático, possibilitando a transformação cultural dos sujeitos em todos os ambientes do meio social, pois, é sabido que as diversidades locais e a conectividade global se constroem em uma ideia mais ampla de visão social, sem que haja o apagamento etnográfico, ou seja, o conhecimento cultural em uma visão ampla está totalmente ligado às diversas informações que apresentam as características regionais e locais.

O Quadro 4 apresenta uma síntese das competências da área de Linguagens, propostas pela BNCC:

**Quadro 4 - Competências para a área de Linguagens**

I. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
II. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
III. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
IV. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
V. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas 27 pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
VI. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da BNCC divulgada pelo MEC (2018)

Partindo desse pressuposto, as competências para a área de linguagens estão alinhadas com as habilidades que vão sendo desenvolvidas pelos alunos durante cada etapa de ensino. Desse modo, a teoria e a prática precisam estar alinhadas de acordo com os objetivos propostos, por meio de interação em situações de letramento vivenciadas pelos alunos nas práticas sociais, tendo como princípio a reflexão crítica a fim de estimular o desenvolvimento de aspectos ligados à cidadania.

Sendo assim, a BNCC busca desenvolver nos alunos do ensino fundamental, etapa estudada nessa pesquisa, competências e habilidades mediante diversos conhecimentos essenciais que as escolas públicas ou privadas, não importando onde estão localizadas, deverão seguir.

Desse modo, é necessário que as práticas pedagógicas considerem a realidade de cada criança, busquem conhecer sua cultura e nível de conhecimento, de acordo com o contexto em que vivem. Importante que os alunos entendam também o espaço escolar como fruto histórico, formado por experiências vivenciadas do dia a dia das diversas comunidades que manifestam sua cultura e, assim, constroem laços sociais no âmbito escolar por meio da interação. Para a BNCC (2018), é necessário:

[...] compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BRASIL, 2018, p. 113).

Vale destacar que as propostas educacionais com a diversidade estão inseridas nos currículos escolares, cabe, entretanto, o desenvolvimento na prática. Para tanto, faz-se necessário um fortalecimento das políticas educacionais, com profissionais da educação: diretores, coordenadores, secretários e professores entre as famílias e alunos na tentativa de uma convivência social harmoniosa, na luta contra o preconceito, situações constrangedoras, que surgem devido às diferenças dos grupos no contexto atual e na valorização da diversidade em todos os aspectos para a superação de paradigmas da homogeneidade.

[...] na contemporaneidade, uma educação linguística adequada a um alunado multicultural se configura, segundo a proposta, como aquela que possa trazer aos alunos projetos (designs) de futuro que considerem três dimensões: a diversidade produtiva (no âmbito do trabalho), o pluralismo cívico (no âmbito da cidadania) e as identidades multifacetadas (no âmbito da vida pessoal) (ROJO; MOURA, 2013, p. 14).

De acordo com o exposto, a BNCC aborda o que se deve ensinar na Educação Básica, por meio de múltiplos conhecimentos e valores para que os alunos adquiram uma consciência crítica nos mais distintos aspectos sobre a diversidade, de acordo com a realidade em que vivem, sendo fundamental o professor desenvolver práticas que façam sentido na vida de seus alunos para que tenham mais autonomia. Nesse sentido, a BNCC traz relevantes aspectos sobre a diversidade numa abordagem contextualizada, a partir de temas transversais, conforme citado na introdução do documento:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Os temas diversidade cultural, educação das relações étnico-raciais e ensino da história e cultura afrobrasileira, africana e indígena (Lei n 10.639/2003 e 11.645/2008, devem ser abordadas de forma transversal e integradora. Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada (BRASIL, 2018, p. 19-20).

A partir desse pressuposto, percebe-se que a BNCC busca valorizar as experiências culturais e a diversidade de saberes desse mundo cada vez mais globalizado, dando liberdade às escolas para trabalhar temas atuais considerando suas realidades, para que garanta pontos positivos no desenvolvimento da aprendizagem. Assim, no que tange à Língua Portuguesa, o documento apresenta um conjunto de princípios e pressupostos que possibilita aos educandos: “[...] a conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2017, p. 68).

No entanto, no que diz respeito a Língua Portuguesa, apresentado no eixo da “Análise Linguística/Semiótica”, o documento traz alguns conhecimentos linguísticos ligados à Variação Linguística:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos [...]  
 Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (BRASIL, 2017, p. 81).

Dessa forma, a discussão acerca da variação linguística, no componente curricular de Língua Portuguesa, apresenta uma concepção crítico-discursiva relacionada à diversidade que forma a sociedade, logo, possibilita o redimensionamento do papel do professor na vida dos seus alunos. Consequentemente, em toda comunidade de fala, há variações linguísticas, que

acontecem por meio de diversos fatores, como: questões regionais, culturais, classe social, entre outros. No entanto, essas mudanças na fala das pessoas surgem, naturalmente, pois a língua tem a ver com cultura e tem capacidade de se transformar, logo, não se pode limitá-la, pois essas mudanças estão relacionadas à história de vida dos diversos grupos. São grandes os efeitos da língua na escola e quando se trata da Língua Portuguesa, é possível dizer que apresenta grande diversidade e um sistema linguístico um tanto complexo que se adequam de acordo com as necessidades de cada comunidade em suas diferentes localidades, haja vista que toda língua falada está sujeita a sofrer variações devido à heterogeneidade, as quais estão relacionadas ao contexto social em que cada um vive, o que se torna desafiador para o professor.

Nesse viés, ter conhecimento de língua, leva o professor a compreender que as diferentes falas dos alunos, reafirmo que estão relacionadas a questões socioculturais e que não devem ser ignoradas em sala de aula, pode até ser trabalhada de uma aula dinâmica que promova a troca de conhecimentos que cada um traz com seu modo de se expressar, possibilita assim, aprendizagem mútua, ajuda a evitar o preconceito linguístico, o que gera exclusão social.

A partir das discussões realizadas até aqui, é possível afirmar que a língua está ligada à cultura do indivíduo, portanto, não pode ser dissociada, uma vez que fortalece o processo de ensino-aprendizagem dos educandos e, por isso, torna interessante ao professor criar espaços para trabalhar a língua portuguesa através de trabalhos colaborativos, reconhecer as variantes da língua, os aspectos culturais e expressões linguísticas naturais que os alunos trazem consigo para sala de aula.

Assim, como o mundo atual tem passado por grandes mudanças em vários aspectos da vida social e cultural, torna-se fundamental que se tenham políticas de inclusão acerca da diversidade cultural presente no espaço escolar, a fim de diminuir os problemas socioculturais gerados por situações preconceituosas que podem prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Rojo (2009) afirma que o letramento:

[...] busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO 2009, p. 98).

Compreendo, desse modo, que o papel do professor é o de mediador das aprendizagens e que o aprendiz é o sujeito em desenvolvimento. Essas particularidades impactam na organização e na elaboração do planejamento, afinal, as atividades propostas devem ser para que o estudante reflita sobre a linguagem escrita, partindo dos conhecimentos que possui sobre essa escrita para, assim, formular novas hipóteses por diferentes caminhos.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa abordam que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso ‘consertar’ a fala do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL, 1998, p. 26).

As questões sobre a diversidade linguística, como discutido anteriormente, interferem nas interações em sala de aula, os professores de Língua Portuguesa, como também já assinalado, têm passado por grandes desafios ao lidar com turmas, geralmente, tão heterogêneas, formadas por alunos de diferentes realidades e etnias que levam para sala de aula suas experiências linguísticas culturais e suas manifestações. A respeito do ensino de língua portuguesa, Bagno (2007) afirma:

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho da reeducação sociolinguística de seus alunos e de suas alunas. O que significa isso? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos em todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 82).

Dessa maneira, é fundamental que as propostas educacionais considerem a diversidade do português brasileiro com responsabilidade e assim transmitir saberes sistematizados para que possibilitem acolhimento e maior interação entre os alunos no espaço escolar, promovam conhecimentos linguísticos necessários para viverem plenamente no espaço social e diminuam situações de discriminação linguística na sociedade.

Sob essa perspectiva, a BNCC (BRASIL, 2018), traz eixos de integração para a língua portuguesa, que são: oralidade, leitura, produção e análise linguística e insere também o

universo semiótico nesses dois últimos eixos a fim de proporcionar entendimento da teia de relações que existe no meio escolar. Em outras palavras, os estudos sobre a língua e suas variedades precisam ser envolvidos por meio das práticas reflexivas e colaborativas que possibilitem aos alunos ampliar sua interação nas diversas práticas de linguagens em seu cotidiano, buscando a construção de sentidos por meio da leitura de diferentes gêneros textuais. Sobre essa discussão, o documento aborda o seguinte:

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. Assim, no que diz respeito à linguagem verbal oral e escrita, as formas de composição dos textos dizem respeito à coesão, coerência e organização da progressão temática dos textos, influenciadas pela organização típica (forma de composição) do gênero em questão. No caso de textos orais, essa análise envolverá também os elementos próprios da fala – como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc. –, assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos – postura, expressão facial, gestualidade etc. No que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero (BRASIL, 2018, p. 80).

Nessa perspectiva, reflexões mais aprofundadas, que vão além das vivências culturais em sala de aula, são de extrema importância para que fortaleçam laços afetivos na turma e oportunizem reconhecimento da diversidade, por meio de uma linguagem intercultural. Sob essa perspectiva, Walsh (2005, p. 09), afirma que “a interculturalidade é diferente no que diz respeito a complexas relações, negociações e trocas culturais, e procura desenvolver uma interação entre pessoas, conhecimentos e práticas culturalmente diferentes”.

Por isso, a necessidade de contextualizar as diversas linguagens nas situações de uso no cotidiano dos alunos. Segundo Bagno (2007):

Quem quiser continuar usando as formas tradicionais, prescritas pela norma-padrão, fique à vontade, faça bom uso delas e seja feliz! Tudo o que exigimos é que as outras formas também sejam consideradas boas, justas e corretas. Insisto e repito: não estamos propondo a substituição da norma tradicional por um outro conjunto de regras \_ por isso escrevemos ali em cima um também com todo o destaque. Não queremos praticar um prescritivismo às avessas! Queremos apenas que o convívio linguístico no Brasil seja democratizado, que as pessoas não tenham mais medo de usar a língua de modo como sempre usaram, como ouvem e leem todos os dias ao seu redor, em casa, no trabalho, na televisão, no rádio, nos jornais, nos livros... Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que as diferenças de sexo, de cor de pele, de opção religiosa, de idade de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como forma de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas (BAGNO, 2007, p. 159).



Em suma, ao pensar neste contexto, é possível enxergar que os educadores têm grandes desafios em suas práticas de ensino no processo educativo contemporâneo, portanto, é importante que desenvolvam projetos de letramentos mais criativos, que contemplem diversas formas de leitura considerando os contextos sociais, busquem um entendimento significativo sobre a construção cultural, analisando as diferenças linguísticas.

### **3.2 Formação de professores e a diversidade cultural no município de Barra do Garças-MT**

“O papel da escola é formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.”  
Dermeval Saviani

A diversidade cultural que forma a sociedade brasileira revela a necessidade de uma educação intercultural que possibilite pleno direito à cidadania e vença o etnocentrismo sociocultural. Dessa feita, pensar na formação docente nesse contexto se torna fundamental para acabar com o pensamento de homogeneidade da educação, pois é preciso entender a realidade cultural dos alunos, no sentido de uma educação humanizada e intercultural no contexto escolar.

Nessa perspectiva, o papel da escola é fundamental na busca pela cidadania e na contribuição da diminuição de questões que envolvem a exclusão de alunos dentro da escola e fora dela, a partir de uma perspectiva intercultural que possibilite aos professores em suas formações outras reflexões dos processos educacionais acerca da diversidade cultural para que torne o ambiente escolar menos opressor, com mais proximidade com essa diversidade para que a educação reconheça o valor e a riqueza de todas as culturas presentes na sociedade.

A importância de discutir os desafios do professor sobre diversas perspectivas ao lidar com a diversidade cultural no Ensino Fundamental não é diferente em Barra do Garças, cidade, que, reafirmo, como fica na divisa entre Mato Grosso e Goiás, é possível encontrar forte contingente de diversidade linguística. Desse modo, pensando numa educação emancipadora e voltada para o protagonismo dos alunos, a educação do município oferece formação aos professores a partir de metas baseadas nas expectativas das famílias com relação à diversidade. Durante o ano letivo, são promovidas aos professores e público externo, “Jornadas Formativas” todos os anos, pela Secretaria de Educação do município, com palestras e outros eventos com temas que envolve diversidade, tais como:

- a) Educação indígena;

- b) Interculturalidade em foco: Vivências e desafios na Educação;
- c) Inclusão, Educação e Sociedade;
- d) Educação, Linguagem e Diversidade.

Para que aconteça de fato a integração entre as culturas, torna-se fundamental que no espaço escolar haja momentos para discussões, seja palestras, encontros de professores seja cursos de formação continuada, os quais envolvam questões étnico-culturais para que a comunidade escolar em geral compreenda as diferenças socioculturais que formam o país e possam desenvolver um trabalho focado nessas questões.

Nesse sentido, os conteúdos trabalhados, especialmente os de Língua Portuguesa, precisam estar voltados ao cotidiano dos alunos, trabalhando com temas ligados às suas vivências, à cultura, buscando, assim, maior interação entre a comunidade escolar e a história deles e da comunidade em que vivem, pois é importante interligar o ensino à cultura local (Figura 8), a fim de promover um ambiente acolhedor aos alunos, dando-lhes liberdade para interagir com as diversas culturas e se comunicarem espontaneamente.

Figura 8 - Indígena da etnia xavante, participante das formações ofertadas pela Secretaria de Educação de Barra do Garças/MT



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

As vivências e experiências de alunos e professores são também essenciais no sentido de se garantir um ensino que dê espaço e voz para as relações comunicativas.

Destaco que as Jornadas Formativas da Secretaria de Educação de Barra do Garças/MT (Figura 9) tem sido referência na formação de professores e de outros funcionários

do meio educacional do município e de toda a região. O sucesso das formações conta com importantes palestrantes, tais como: o Dr. Celso Ferrarezi Junior, que fez uma rica fala sobre alfabetização, oralidade, linguagem e diversidade. E também o escritor indígena, Daniel Munduruku, graduado em Filosofia, licenciado em História e Psicologia, doutor em Educação pela USP, e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Ele é Diretor presidente do Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais e também atua na novela das nove da rede Globo. Em sua palestra, ele abordou sobre o Ensino em “Contexto indígena intercultural”, com a participação de profissionais da educação de todo o país, foi transmitido pelo youtube.

Figura 9 - Card da IV Jornada Formativa

Secretaria Municipal de Educação de Barra do Garças

Transmissão: via YouTube, canal Formação SME.  
Certificação: Even3  
Horário: 17h15min às 19 h15min

10 Horas  
Curso Gratuito

IV JORNADA FORMATIVA

Tema: Educação, Linguagem e Diversidade.

Celso Ferrarezi Junior	Diego Martins	Daniel Munduruku	Cissa Amorim
Segunda-feira 03/05/2021	Terça-feira 11/05/2021	Quarta-feira 19/05/2021	Terça-feira 25/05/2021

Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)

Dessa forma, o ensino de Barra do Garças tem buscado valorizar as diversidades presentes nas escolas do município, promovendo a reflexão sobre as implicações de aportes teóricos e legais na gestão das condições, possibilitando um ensino intercultural, primando pela compreensão do planejamento como sistematizador das situações que concretizam as intenções explicitadas no projeto pedagógico/currículo.

Nesse aspecto, os professores precisam de uma formação técnica e reflexiva para almejar em sua aula a expansão de conhecimento, indo além, é necessário adentrar sobre a importância da sua para o processo de ensino e aprendizagem. Evidentemente, que existe sempre um modelo de ensino sempre vai existir, contudo, sempre o professor irá se deparar

com uma sala de aula com grandes desafios e miscigenações, como é o caso das escolas de Barra do Garças/MT, formadas por alunos/as de vários locais e com culturas diferentes, deixando assim, as salas bastante heterogêneas.

Refletir sobre a formação de professores, nessa perspectiva, torna-se um passo importante para ultrapassar as barreiras que existem no processo de escolarização em relação às diferenças culturais. O processo de desenvolvimento do professor é complementado com a formação continuada e se torna relevante fortalecer os diversos aspectos coletivos do professorado diante dos desafios atuais no âmbito escolar acerca da diversidade cultural.

## CAPÍTULO 4 - O QUE DIZEM OS PROFESSORES?

A partir do questionário aplicado durante a entrevista, no dia 25/07/2023, com perguntas abertas, gravada em áudio, com as professoras de Língua portuguesa do Ensino Fundamental I das turmas 5º ano durante a hora atividade na sala dos professores. Essa entrevista possibilitou um maior conhecimento da realidade delas com as práticas de letramentos em sala de aula, e também da diversidade cultural, conforme passo a relatar.

As três professoras possuem mais de 15 anos na docência. Já iniciaram a entrevista falando sobre os desafios enfrentados com a sala de aula lotada. Como eu afirmei na introdução desta dissertação, a escola escolhida para a pesquisa recebe alunos do assentamento próximo a cidade e, além de alunos da comunidade rural, recebem também alunos indígenas e das cidades vizinhas, Pontal do Araguaia/MT e Aragarças, do estado de Goiás e ainda, têm alunos argentinos e bolivianos.

Duas dessas professoras são efetivas no município de Barra do Garças e dão aula também em escola do Estado. Todas possuem especialização e cursos formativos oferecidos pela Secretaria Municipal de Barra do Garças no decorrer do ano letivo, uma formação continuada.

No primeiro momento, as professoras responderam alguns dados pessoais e assinaram um termo de concordância para participar da pesquisa. Após isso, fiz a primeira pergunta da entrevista e cada uma começou a falar espontaneamente sobre suas experiências em sala de aula com alunos de culturas tão diferentes no Ensino Fundamental I.

Sob essa perspectiva, pensando na diversidade de linguagens e de diferentes aspectos culturais, apresento a fala da professora (P1), quando ela aborda a importância das experiências com letramentos em sua formação:

[...] Fiz minha graduação em Cuiabá na UFMT, no curso de Letras, aí em seguida, fiz especialização em língua portuguesa, logo entrei num curso de extensão de Língua, Cultura e Português Brasileiro, Ead. Sempre busquei aprofundar meus estudos nessa área. E ano passado entrei no Pró-Letramento, uma espécie de formação continuada que o governo oferece para professores dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas. O que a gente aprende na faculdade não é suficiente, precisamos aumentar nosso conhecimento para ensinar e melhorar a qualidade do ensino (P1).

P1 destacou que, como professora de Língua Portuguesa, ela tem buscado aumentar seu conhecimento, e disse que o que se aprende na faculdade não é suficiente para ensinar e melhorar a qualidade de ensino.

P2 disse que trabalha há bastante tempo em escola pública e que já deu aula em uma aldeia indígena perto de Barra do Garças e que nunca imaginou que fosse trabalhar com indígenas, e acrescentou que esse trabalho “[...] envolve outros desafios, a valorização da cultura, reconhecimento da língua deles”. Em função desse desafio, ela fez um curso de extensão da língua Xavante. O relato dela é bastante significativo a esse respeito:

[...] Trabalho em escola pública faz muito tempo e sempre tive a pretensão de continuar estudando, participando de novos cursos. Na minha família tem muitos professores, mas só eu formada em Letras e Pedagogia. Antes de vir trabalhar em Barra do Garças, eu dava aula na aldeia, que fica alguns quilômetros daqui. Para mim foi uma experiência que me marcou muito. Sempre gostei de trabalhar língua portuguesa, mas nunca imaginei que eu iria trabalhar com indígenas, que envolve outros desafios, a valorização da cultura, reconhecimento da língua deles. Acabei fazendo um curso de extensão da língua xavante. Quando eu estava na aldeia, desenvolvi um projeto de letramento com minha turma de 4º ano, envolvendo reconto de histórias com apoio de imagens. Os alunos fizeram entrevistas com os mais velhos e tiraram fotos. Na culminância, fizeram apresentação das histórias contadas para as famílias. As crianças ficaram bastante motivadas. O projeto me ajudou para que entendesse melhor a cultura deles, como vivem (P2).

Verifica-se que a professora tentou se aproximar dos alunos, da cultura deles, e aproximá-los também da própria cultura, reconhecendo e dando valor à história deles. Nesse sentido, dentre as teorias anteriormente discutidas, as de Paulo Freire (2003) e de Rojo (2004/2009), aqui se aplicam no sentido de que a professora, ao valorizar a cultura do aluno e trabalhar diferentes gêneros, consegue confiança e afetividade dele bem como de sua família, e isso facilita o processo de aprendizagem e favorece a comunicação entre eles.

O comentário da P2 mostra seu conhecimento acerca do ensino intercultural. Segundo ela, as trocas de diálogos interculturais têm muito significado nas práticas pedagógicas em sala de aula. Sob esse olhar, retomo Candau (2012, p. 243) quando ela afirma a importância da “a interculturalidade como uma perspectiva mais adequada para a construção de sociedades democráticas que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade e reconhecimento dos diferentes grupos culturais.”

P2, durante a entrevista, fez o seguinte comentário: “[...] Então, posso falar que trabalhar os letramentos numa perspectiva intercultural é levar o aluno para além do que ensinamos aqui em sala de aula, guia o aluno e ajuda ele a ler o mundo e ser empático, ter autonomia, ajudando-o a se relacionar na sociedade”. Nesse trecho, percebe-se que P2 reconhece as práticas de letramentos como fundamental para ultrapassar as barreiras em relação a diversidade na sala de aula.

A fala das professoras mostra a realidade delas como professoras dos anos finais do Ensino Fundamental I, os desafios enfrentados com salas lotadas. Falaram também o quanto elas se esforçam em desenvolver projetos para promover interação dos alunos em sala de aula.

Voltando à entrevista, P3 afirmou que tem várias experiências em sala de aula com as diferentes falas dos alunos e disse também que gosta de trabalhar os diferentes letramentos com sua turma: “acho importante para o crescimento meu e deles” e acrescentou: “Às vezes levo livros da biblioteca e jornais para a sala de aula” e que os alunos leem e praticam leitura compartilhada. Disse ela:

[...] Sempre tive muita facilidade para me expressar, tenho afinidade com a oralidade, (risos), minha mãe falava que eu tinha quer ser apresentadora de programas de rádio. Mas me tornei professora, sou concursada nesse município. Gosto do que faço. Dou aula para turmas de 5º ano, matutino e vespertino. Tenho várias experiências em sala de aula com as diferentes falas deles. Gosto de trabalhar os diferentes letramentos com minha turma, acho importante para o crescimento meu e deles. Às vezes levo livros da biblioteca e jornais para a sala de aula, a gente a partir dali, começa a ler, é uma forma de leitura compartilhada, um ajudando o outro, depois na roda de conversa cada um fala o que entendeu da notícia ou da história lida (P3).

As professoras apresentaram as possibilidades metodológicas do plano de ensino da escola. Verifiquei que, no plano de ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental I, está escrito:

Existem várias possibilidades metodológicas para positivar a presença das diferentes linguagens em sala de aula:

1. Textos Diversificados: Incluir uma variedade de textos, como contos tradicionais, poesias, lendas e músicas de diferentes culturas, permitindo que os alunos se familiarizem com diferentes formas de expressão.
2. Atividades Multimodais: Incorporar atividades que envolvam diferentes formas de linguagem, como escrita, leitura, ilustrações, áudio e vídeo, para atender às diversas maneiras pelas quais os alunos aprendem.
3. Projetos Culturais: Desenvolver projetos que explorem a cultura e as tradições de diferentes grupos étnicos, incentivando a pesquisa, a troca de informações e o respeito pela diversidade.
4. Compartilhamento de Experiências: Promover momentos em que os alunos possam compartilhar suas experiências culturais, histórias de família e tradições, enriquecendo o ambiente de aprendizado.
5. Literatura Internacional: Introduzir histórias e autores de diferentes países lusófonos, permitindo que os alunos conheçam diferentes perspectivas linguísticas e culturais.
6. Aprendizado Colaborativo: Incentivar o trabalho em grupo, onde os alunos podem compartilhar seus conhecimentos linguísticos e culturais, enriquecendo a aprendizagem de todos.
7. Produção Criativa: Propor atividades de produção textual que permitam aos alunos expressar suas ideias e experiências pessoais, valorizando suas vozes individuais.
8. Análise Crítica: Estimular a análise crítica de textos que abordam questões culturais e sociais, promovendo discussões construtivas sobre diversidade e preconceito (PLANO DE ENSINO, 2022, p. 15).

O segundo momento foi destinado a falar sobre as práticas de letramentos, o que as professoras entendem sobre letramento, seus desafios, se estão realizando algum projeto envolvendo os letramentos.

E o terceiro, e último, momento da entrevista, as professoras foram instigadas a falar sobre seus maiores desafios diante da diversidade e sua compreensão do ensino intercultural. Todas as professoras entrevistadas apontaram o que pensam sobre Interculturalidade, falaram sobre a importância da construção de um ensino que proporcione aos alunos crescimento intelectual.

A partir das experiências das professoras foi possível perceber as suas concepções pedagógicas durante seus trabalhos docentes no Ensino Fundamental 1.

Todas elas têm alunos indígenas, da etnia Xavante em sua turma, falaram das dificuldades enfrentadas na comunicação com eles e como isso tem influência em suas práticas pedagógicas. P1 disse:

Acho importante, enquanto professora de língua portuguesa, inovar minha didática. É fundamental a incorporação de novas atividades e novos recursos na aula, é um jeito dinâmico para aumentar os conhecimentos. Atualmente temos muitos recursos tecnológicos que invadem cada área tanto na escola quanto a vida cotidiana. [...]. Estou trabalhando o letramento digital com meus alunos, ajuda no desenvolvimento das habilidades cognitivas, temos que acompanhar os avanços do mundo moderno, considero importante preparar eles para o mercado de trabalho (P1).

É a partir desta visão que retomo os estudos de Rojo (2012, p. 08); a autora destaca que “[...] os multiletramentos caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e significativo. Dessa forma cabe dizer que as pessoas vivem em uma sociedade cercadas por diversas formas de interação e comunicação, que estão cercadas pela diversidade de mídias, gêneros e linguagens. Daí a importância de promover o desenvolvimento contínuo das diversas habilidades para que, assim, possam acompanhar juntamente com os alunos por meio de práticas de letramentos, o avanço da sociedade contemporânea.

P3 também fala que é fundamental as experiências com os letramentos na formação docente, diante da diversidade linguística e cultural:

Eu acredito que as experiências com os diversos letramentos são sempre significativas para a formação de um professor. Isso nos leva a refletir acerca de nossas práticas, abre caminho para novas possibilidades para que a gente faça mediação dos conhecimentos em sala de aula. A nossa sociedade é plural, precisamos valorizar essa diversidade por meio de aulas mais reflexivas considerando as características interculturais dos nossos alunos. Posso afirmar que



nesses últimos anos aprendi bastante com as experiências vivenciadas a cada dia em sala de aula e nos cursos de formação que participei (P3).

No Ensino Fundamental, é relevante o ensino de história local para que os alunos possam entender melhor o seu entorno. Dessa forma, desenvolver atividades que contemplem a história local, bem como regional, leva o aluno a entender com mais facilidade o espaço onde vive. Além disso, essas atividades, ao fazerem a ligação entre o passado e o presente, auxilia o aluno a analisar a linguagem falada construindo contextos de aproximação entre eles, o que favorece a construção de conhecimento sobre a formação da sua própria história e da história do outro e do mundo. A partir disso, ele poderá manifestar seu conhecimento por meio de diferentes formas.

Nesse contexto, ao serem instigadas, as professoras participantes relataram que ficou mais difícil este ano (2023), pois receberam alunos venezuelanos, e eles têm dificuldades na aprendizagem e não conseguem acompanhar o andamento da turma, pois, para eles, não é fácil alternar a língua falada e, ainda e, talvez, por esse fator, têm pouca interação, mas segundo elas, buscaram novas estratégias e estão desenvolvendo um projeto de leitura em parceria, com as turmas do 5º ano.

Nesse contexto, destaco que a integração das crianças imigrantes acontece por meio da inserção na escola. Uma das professoras entrevistadas fala espanhol, o que facilita a comunicação entre eles, ela tem ajudado as outras professoras, confirmado pela fala de P2: “[...] Aqui uma ajuda a outra, estamos no mesmo barco, são muitos os desafios enfrentados. Sempre falo que podemos manter nossos projetos e trabalhar os letramentos com nossas turmas de forma coletiva”.

Realmente, existem mesmo desafios na educação, seja ela no nível básico, fundamental, médio seja superior, e, nas falas das professoras, sujeitas desta pesquisa, isso fica perceptível, sobretudo quando elas reconheceram que, especificamente, no 5º ano aqui, como é uma turma que irá para o Fundamental II, precisa ter um bom desenvolvimento para prosseguir. Não é fácil trabalhar com turma tão heterogênea, sobretudo em relação à Língua Portuguesa, por isso, é preciso compreender que “[...] aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (BAKHTIN, 1999, p. 147). Nesse contexto, ao ensinar língua portuguesa, o professor precisará abrir espaços para envolver práticas de letramentos que ultrapassem o entendimento estrutural da língua, ou seja, que vão além dos parâmetros estipulados pela instituição de ensino.

Assim sendo, a realidade que essas professoras vivem em sala de aula exige trabalho em conjunto e contínuo. As escolas públicas de Barra do Garças recebem não só indígenas das aldeias vizinhas, mas também os filhos dos sertanejos mato-grossenses, goianos, mineiros, paulistas, gaúchos que vieram tentar a sorte aqui, como os haitianos, venezuelanos e bolivianos, entre outros, construíram um rico centro de vivências, tornando-se um lugar multicultural. Aqui também tem muitos sírios e turcos, e alguns filhos deles também frequentam as escolas locais.

Cada um com sua realidade, sua cultura e modo de falar, construindo, assim, uma mistura étnica. Nessa perspectiva, é natural que exista um choque cultural entre eles, e isso influencia diretamente na maneira de como os sujeitos se enxergam e enxergam os outros. Essa diversidade cultural em Barra do Garças, ou em qualquer outro lugar, tem gerado em determinadas situações, atitudes preconceituosas, na maioria das vezes, o próprio desprezo pelo ponto de vista do outro.

Sobre esse ponto, P1 relatou que:

As crianças que chegam na cidade, geralmente são matriculados na rede municipal de ensino e são distribuídos nas etapas da educação básica: Educação Infantil (creches e pré-escolas) e Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) de acordo com a faixa etária, a maioria precisam de aulas de reforço no contraturno. A nossa escola, por ser uma escola grande, é a que mais recebe alunos e todo ano chegando mais, (risos). Aqui eles chegam com muitas dificuldades, tanto na leitura, como na escrita e ainda precisam aprender a língua portuguesa, além de tudo, enfrentam problemas relacionados a adaptação, superar preconceitos por conta da língua materna e da maneira que se vestem, até mesmo por razão das condições financeiras e aqui é comum casos de xenofobia (P1).

Como eu afirmei anteriormente, Barra do Garças está localizada na divisa do Estado entre Mato Grosso e Goiás, cuja região é conhecida como Vale do Araguaia, sendo assim, um local de passagem, através da ponte do rio Araguaia, e, assim, tem sido um local, onde famílias migram em busca de emprego, melhor condição de vida, uns se deslocam para fazendas e outros ficam na cidade, pois o município constitui um centro comercial bastante desenvolvido.

Nessa perspectiva, é interessante o professor trabalhar de forma que seus alunos, principalmente os alunos indígenas e os imigrantes, adquiram atitudes por meio de conteúdos diferenciados para enfrentarem os desafios, os preconceitos, em sala de aula, e nas ruas, na tentativa de diminuir as barreiras e o distanciamento entre eles, logo, todos precisam estar inclusos para se desenvolverem em harmonia no processo de ensino e aprendizagem.

As atividades devem ser organizadas de forma que todos possam reconhecer sua cultura e sua linguagem como elemento que enriquece a aprendizagem, o que tornará o ensino

mais dinâmico, mais completo em todos os aspectos seja sociais, culturais, históricos seja, por que não, até mesmo econômicos, embora esse não seja o tom desta pesquisa.

Sobre a questão da diversidade P2 fala sobre suas dificuldades no 5º ano. Disse ela:

São muitos desafios no dia-a-dia, tento trabalhar com eles da melhor forma possível, levo eles nos diferentes espaços educativos com a intenção de mostrar um pouco da nossa cidade e promover interação entre eles. No mês passado, setembro, fomos na biblioteca municipal, ao dialogar com eles, deixo claro o que precisa ser respeitado. Trabalhar com eles com diferentes tipos de letramentos e fora da sala de aula, tem ajudado no desenvolvimento de cada um, vejo meus alunos se expressando mais. Sempre que temos um tempinho, a gente vai para o pátio ao lado do jardim, lá realizo uma roda de conversa, cada um fica livre para falar de suas vivências, o que gostam e de onde vieram. Acho importante, porque fico por dentro da história dos meus alunos, assim fica mais fácil desenvolver projetos, posso dizer que tenho tido pontos positivos, isso resulta numa maior integração de linguagens e entrosamento dos alunos, proporciona um trabalho interdisciplinar e considero relevante manter as tradições culturais deles. Concluindo minha fala, posso dizer que não tem um padrão único de como acontecem as interações entre eles, tem alunos mais comunicativos, outros mais tímidos, os alunos indígenas por exemplo, são mais calados e dominam pouco a língua portuguesa (P2).

Não realizei, pela exiguidade do tempo para a pesquisa, observação participante, então, a fala de P2 me faz crer na realidade que ela descreve e que essas, e outras, estratégias são fundamentais para conduzir um ensino aprendizagem consistente, haja vista que os alunos têm contato com seus pares e com seus professores frequentemente e isso favorece a adaptação da linguagem local e permite a participação mais efetiva (e afetiva) na sociedade em que vivem.

A fala de P3 a respeito da diversidade cultural também é bastante expressiva:

Na minha turma, não é diferente, a gente procura trabalhar em parceria, buscamos valorizar a bagagem que esses educandos trazem para sala de aula. Eu por exemplo, sou filha de japoneses, meus pais vieram do Japão há alguns anos, temos nossos costumes, nossas diferenças, nas vestimentas e na alimentação. Meus alunos me acham diferente, mas somos próximos, tenho uma amizade boa com eles. Estou desenvolvendo um projeto de letramento digital com eles e as famílias estão acompanhando, isso é bom, pois sem o apoio dos pais, fica mais difícil atingir os objetivos traçados [...].

Em seguida, P3 fala sobre a necessidade de atualização do professor nas práticas de letramento e, em tom de desabafo, fala sobre os desafios de se ter uma sala lotada em todo ano letivo. Disse ela:

Precisamos acompanhar a evolução, temos que ter conhecimento suficiente para ensinar nesse novo contexto. A escola não pode fechar os olhos, precisamos estar atentos ao nosso alunado, existe necessidade de atualização, de conhecimento dessas novas práticas de letramentos e para nós da escola pública, ainda é mais desafiador, pois a sala fica lotada e os alunos têm ritmo de aprendizagem muito desigual. (P3).

As professoras, sujeitas desta pesquisa, abordam a necessidade de o professor se reinventar diariamente, participar de cursos de capacitações, formação continuada, para conseguir ministrar suas aulas e obter resultados satisfatórios.

Em suma, é fundamental que os professores tenham uma postural intercultural na escola, na busca de ter um ensino democrático, pois sem a Interculturalidade as línguas podem ser excluídas do meio escolar e os grupos perdem suas origens. É preciso buscar o letramento intercultural, de forma que professores e alunos possam dominar as linguagens em todos seus aspectos, não só no ambiente escolar, mas também nas relações sociais em seu cotidiano fora da escola.

É importante, então, a escola dar espaço para o ensino de história local, trazendo para a sala de aula conteúdos voltados para a formação do lugar, trabalhar a interdisciplinaridade, envolver História e Língua Portuguesa por meio da produção de textos, a partir de diversos gêneros, facilitando a integração da linguagem, para que os alunos compreendam melhor, a partir dos letramentos, as funções sociais, construindo novos sentidos. Isso os ajudará a refletirem sobre sua vida e seu cotidiano.

Considero fundamental a prática de letramentos que envolve a participação não somente dos alunos e professores, mas de toda comunidade escolar, pois, assim, garantirá um melhor resultado no desempenho dos alunos, ou seja, é importante andar todos juntos, mostrando uma equipe unida, incentivando aos educandos a participação coletiva, de modo que possam contar com ajuda de todos, em qualquer situação.

As professoras do 5º ano relataram que, desde o início da educação básica, precisa ter sintonia entre aluno e professor e também que os professores tenham reconhecimento dos letramentos que os alunos trazem para sala de aula, possibilitando que sejam protagonistas de sua história e da sua aprendizagem, fazendo com que não seja um mero receptor de informações, mas que sejam capazes de reconhecer sua linguagem e, por meio dela, descrever diferentes mundos. Destaco, assim, a importância da linguagem nas relações sociais acerca da construção das identidades, na perspectiva da diversidade cultural presente na sociedade.

É preciso que tenham autonomia para conseguirem crescer nesse mundo moderno com tantos desafios. É relevante no ambiente escolar criar espaços para um ensino sensível proporcionando diferentes momentos, para que os educandos possam ter participação ativa em seminários, palestras, dentre outros.

Voltando à pesquisa com as professoras, sujeitas desta pesquisa, repito que realidade linguística em Barra do Garças/MT, com sua diversidade de linguagens, exige que os

profissionais da educação, principalmente os professores, levem em consideração com sensibilidade e compreensão os fatores que determinam origem e a formação do seu povo.

Pela fala das professoras entrevistadas, as quais mencionei em citações anteriores, é possível perceber que elas procuram partir da realidade de seus alunos e das relações que eles mantêm com suas comunidades, com outros grupos e com a sociedade em geral, porque a cultura é composta de representações coletivas: línguas, gêneros, símbolos e valores culturais que sustentam suas formas de agir e reagir no meio social.

E a teoria, amplamente discutida no referencial teórico, expõe que o reconhecimento dos processos de aprendizagem advém do conhecimento das diferentes formas de organização social entre os sujeitos que constituem o ambiente escolar.

É por isso que muitos professores, principalmente aqueles que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental I, nos quais, geralmente, as turmas são formadas por muitos alunos, estão interessados em estudar os fundamentos e estratégias dos processos cognitivos, criando o que hoje chamamos de Pedagogia Intercultural, cuja prioridade é o desenvolvimento integral, respeitando os interesses dos alunos e estimulando a pesquisa e a criatividade e, evidentemente, reconhecendo a diversidade cultural.

Sobre isso, P2 declarou:

Acredito que aprendemos a cada dia, são muitos desafios para lidar com a diversidade em sala de aula; quando passei a dar aula no 5º ano, tive uma imensa dificuldade em pensar uma atividade que não fosse óbvia nem superficial demais, que promovesse a interculturalidade, articulada com os conteúdos da minha aula (P2).

Identifiquei esforços por parte dos professores para apresentar imagens diversas de diferentes grupos socioculturais e suas expressões e conhecimentos, em alguns casos criando uma apresentação histórica do desenvolvimento do conhecimento, bem como elementos destinados a problematizarem questões de fisicalidade, saúde, gênero, espécie, relacionamentos, etc.

Entendo que, atualmente, houve progresso nas ações dos profissionais da educação na luta para a formação integral do aluno, inclusive livros foram selecionados pelo Ministério da Educação, com uma série de critérios a serem seguidos e os comitês de especialistas tem analisados os livros escritos ofertados pelas editoras. Essa combinação de elementos significa que os livros mais recentes estão incorporando o tema da diversidade de uma forma ou de outra com uma abordagem mais reflexiva.

A importância do comprometimento pessoal do educador também fica evidente nas palavras da P3, quando ela afirmou que:

Para dialogar verdadeiramente, é necessário primeiro vivenciar um momento de ‘provocação’ individual, motivado por ansiedade e desconforto. Acredito que a interculturalidade precisa de algo mais forte do que o nível do discurso, que é a troca de opiniões e posições, educativas ou políticas. [...] Muitas vezes a teoria por si só não é suficiente para aumentar a consciência da prática intercultural, o intercâmbio através do diálogo é de facto intercâmbio apenas quando já existe a tendência para abrir novas perspectivas, novas perspectivas e novas formas de fazer as coisas (P3).

É, sem dúvida, um aspecto fundamental provocar o desejo de aprender, a vontade de falar, de se interagir com o outro, porque, para que haja “[...] troca de opiniões e posições, educativas ou políticas”, é preciso muito mais do que teoria. Para desenvolver a educação intercultural, é necessário trabalhar a “visão” do próprio educador sobre os problemas que surgem devido às diferenças culturais, sobre a forma como os percebem, questionar as próprias limitações e preconceitos e provocar uma mudança de atitudes no processo de ações pedagógicas. Então, essa provocação começa com o próprio professor, ele precisa estar disposto a realizar essa educação intercultural. Portanto, as escolas precisam saber quem são seus alunos, sem isso é impossível adotar uma prática que reflita o ambiente sociocultural em que a escola existe.

Ao compreender o seu ambiente, o professor poderá motivar seus alunos a falarem sobre suas características étnicas e culturais e, dependendo da realidade da vida de cada um deles, de suas experiências e conhecimentos, construir métodos pedagógicos de aprendizagem que contribuam para a aquisição de conhecimentos recíprocos sobre a diversidade, o que faz deles sujeitos importantes e pensantes que se empenham em desenvolver conceitos de aproximação.

No componente curricular Língua Portuguesa, no 3<sup>a</sup> e 5<sup>o</sup> anos, destaca-se a seguinte habilidade:

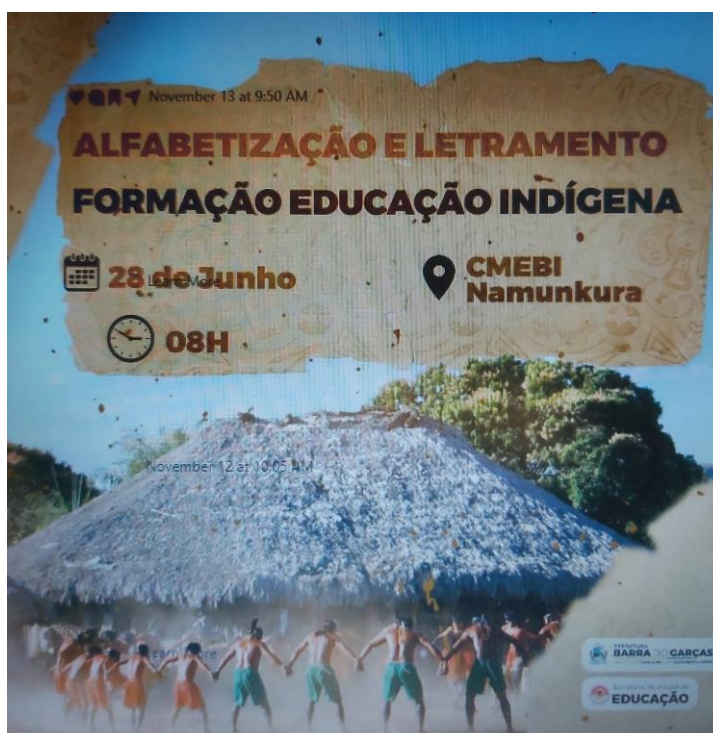
Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 109).

Podemos notar que o documento destaca a relevância do contexto escolar ser um lugar para discussões, análises da diversidade linguística, como forma, inclusive, de tornar conhecidas sua existência com intenção de preservar essa variedade, reconhecida como patrimônio cultural. No entanto, o ensino de língua portuguesa vem passando por certas

mudanças, o que se torna um desafio para os professores em relação à diversidade linguística dos alunos no espaço escolar. Sobre isso, Bagno (2007), afirma que a língua escrita é entendida como um método mecânico da língua falada pelos indivíduos. De acordo com o autor, a língua escrita “[...] exige treinamento, memorização, exercício, e obedecer a regras fixas de tendência conservadora, além de ser uma representação não exaustiva da língua falada” (BAGNO, 2007, p. 82).

Os dados desta pesquisa, e também a minha experiência de professora do município, revelaram que os professores do Ensino Fundamental das escolas públicas do município realizam planejamentos quinzenais juntamente com os coordenadores das escolas e buscam juntos propor ações cooperativas, de caráter interdisciplinar que possibilitem o diálogo sobre a cultura entre os alunos e os moradores do município de Barra do Garças.

Figura 10 - Card da formação continuada aos professores dos Centros de Educação Básica Indígena de Barra do Garças



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Destaco que em Barra do Garças, são oferecidas propostas e projetos sobre a cultura local, a fim de preparar os alunos para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso, o que se torna relevante, pois o domínio da língua é essencial ao acesso às demais áreas do conhecimento e para provocar reflexões e práticas de leitura e escrita em cada aprendiz, enriquecendo a interpretação e leitura que fazem de sua realidade.

Nessa perspectiva, Rojo (2009, p. 107-108) destaca que um dos principais objetivos da escola é “[...] possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Os elementos que compõem o universo escolar, ao analisar com mais atenção, possuem laços fortes com as raízes socioculturais e, com isso, a escola lida com a pluralidade cultural, na qual a linguagem e a leitura de mundo fazem parte da vida de cada sujeito em seu contexto social proporcionando seu desenvolvimento em todos os aspectos. As exigências da contemporaneidade fazem com que o professor busque proporcionar aos educandos saberes básicos para que consigam o desenvolvimento pleno, com habilidades que permitam uma boa formação.

Sob essa ótica, Saviani (2003) menciona que:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, ou seja, deve-se identificar os elementos culturais que precisam ser assimilados, distinguindo entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório, observando a organização dos meios, por meio dos quais, progressivamente, cada indivíduo singular compreenda a humanidade produzida historicamente (SAVIANI, 2003, p.13-14).

O autor explica que cabe aos educadores novas perspectivas de ensino, fala de uma educação que atenda aos interesses de todos. Contudo, as pessoas têm padrões de vida diferentes, é fundamental que haja o reconhecimento da diferença e o respeito pelo outro, pois isso é a base para a construção das relações sociais em harmonia. É importante em situações do dia a dia, promover discussões de ideias reflexivas em família e na escola, para que promova a formação integral dos sujeitos, por meio de assuntos sobre identidades que permitam a apresentação de opinião, mostrando de forma simples que a diversidade faz parte da formação do povo brasileiro.

No entanto, as instituições de ensino, têm oportunidade de construir em seus espaços destinados à formação de professores, um profissional reflexivo, no processo de desenvolvimento de uma metodologia diferenciada acerca da diversidade e de textualidade que busque ultrapassar a funcionalidade burocrática que caracteriza o trabalho escolar dos professores da educação atual, com vistas a superar sua condição de reprodutor de conhecimentos, passando a ser um investigador em suas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, o planejamento pedagógico pode ser realizado a partir dos diferentes saberes relacionados a raízes étnicas para uma melhor compreensão das diversas



manifestações culturais e dos desafios dos diversos grupos, daí a importância desse conhecimento para a formação do educando por meio de grandes reflexões. Segundo Rojo (2009), é fundamental que a linguagem dê:

[...] conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam (ROJO, 2009, p. 90).

Finalizando esta parte, destaco que a visão pedagógica da equipe gestora da escola municipal onde aconteceu a pesquisa mostra preocupação com os alunos, isso gera grandes diferenciais e leva a escola como locus de construção de seu projeto político de forma democrática que contextualiza as realidades socioculturais. E essa postura é reconhecida e valorizada pelos professores, que se sentem acolhidos em seu trabalho, gerando um sentimento de satisfação por vivenciarem e participarem do processo de construção de um ensino escolar de boa qualidade com práticas pedagógicas interculturais, mesmo sendo uma escola pública, embora eles também reconheçam que os desafios ainda são muitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como eu sou professora de Língua Portuguesa em Barra do Garças, MT, e, como sempre estive engajada com as multilinguagens e com a diversidade cultural e, assim, quando fui fazer esta pesquisa, eu quis saber: Como os professores de Língua Portuguesa do EF, em uma escola municipal de Barra do Garças, MT, lidam com a diversidade cultural na sala de aula em relação às diferentes linguagens? O objetivo geral foi analisar se as práticas de letramentos no Ensino Fundamental (EF) abordam a diversidade cultural, na verdade, analisar como os professores de Língua Portuguesa do EF lidam com a diversidade cultural na sala de aula em relação às diferentes linguagens.

Para alcançar esse objetivo geral, busquei analisar as práticas de letramentos presentes nas praxiologias dos professores de Língua Portuguesa no ensino fundamental; discutir alguns desdobramentos acerca da diversidade cultural na Base Comum Curricular (BNCC); reconhecer as formas de reconciliar valores e perspectivas culturais diferentes ao abordar as práticas de letramentos no Ensino Fundamental.

Pesquisadora consciente, que sou, da necessidade de reconhecer que o aluno traz em sua bagagem uma história construída por diferentes saberes e sonhos, tornou-se importante pensar a formação significativa.

Assim, no decorrer desta dissertação, discuti a concepção de linguagem, destaquei aspectos importantes sobre as práticas de letramentos, numa perspectiva intercultural, as quais serviram de alicerce para a reflexão sobre a diversidade cultural. Diante disso, se fez pertinente fazer ligação das experiências de vida dos sujeitos no contexto social em que vivem, mediante um diálogo intercultural. E foi isso que fiz!

Dialoguei com diferentes autores e compreendi que, como a linguagem é constituída no espaço social entre as diversas vozes interacionais, é preciso que a escola reconheça seu papel como mediadora, e entreteçadora, dessas vozes, para que possa, por meio de uma educação que, não só reconheça a diversidade linguística, mas efetue práticas linguísticas capazes de tornarem os alunos realmente cidadãos falantes e escritores nos diversos ambientes sociais.

Na perspectiva dos letramentos no ensino de Língua Portuguesa, a teoria mostrou que os professores devem, pois, inserir novas práticas baseadas na problematização de questões atuais, pautadas na realidade da comunidade dos alunos. Assim, usar diferentes ferramentas e novas formas de leitura, pode ajudar o educando, bem como o professor, a entender a

realidade dos diversos grupos que formam uma determinada comunidade, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e reflexiva.

Essa abordagem foi percebida nas ações das 3 professoras, sujeitas desta pesquisa. A fala delas revelou que elas trabalham com diferentes práticas textuais e utilizam diferentes formas de abordagem dos conteúdos.

Verifiquei que o professor precisa ter sensibilidade para lidar e possibilitar uma educação transformadora que contemple o universo em que ele e os alunos estão inseridos, abarcando os diferentes letramentos, mídias e linguagens, em textos multimodais e práticas sociais. Assim, alcancei o primeiro objetivo específico: analisar as práticas de letramentos presentes nas praxiologias dos professores de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

O segundo objetivo específico desta pesquisa foi “Discutir alguns desdobramentos acerca da diversidade cultural na Base Comum Curricular (BNCC)”. Ao fazer isso, verifiquei que a BNCC traz várias informações sobre as formas de se colocar em prática o letramento, ou seja, segundo ela, a forma de ensino para ser substancial precisa partir da diversidade cultural.

No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, a BNCC reconhece que a língua é elemento essencial, reveladora da cultura, e, por isso mesmo, elemento essencial cultural nos diversos contextos de uso nas comunidades de fala. Portanto, para possibilitar novos saberes, é necessário desconstruir os preconceitos acerca da diversidade cultural na escola para que esses novos saberes levem à construção de identidades capazes de promover a articulação entre a interculturalidade e ensino. Conseqüentemente, possibilitar o respeito às diferenças e à valorização da diversidade, principalmente por meio das aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, os professores dessa disciplina têm diversas possibilidades de desenvolver, por meio de textos multimodais, um ensino crítico e reflexivo, levando em conta a diversidade linguística.

Entretanto, para que esse ensino se torne crítico e reflexivo, é importante abrir espaço para um ambiente interativo, em que o professor possa ouvir os alunos, conhecer suas histórias, uma vez que, isso traz proximidade, confiança, por meio de expressões espontâneas.

O relato das professoras participantes, as pesquisas realizadas sobre os letramentos, os estudos e abordagens teóricas sobre a interculturalidade durante a pesquisa, permitiram-me compreender que é possível o desenvolvimento de novas competências frente às novas demandas desse mundo tão globalizado.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa foi: “reconhecer as formas de reconciliar valores e perspectivas culturais diferentes ao abordar as práticas de letramentos no Ensino Fundamental”.

Ressalto, aqui, a relevância de os professores, entenderem as práticas educativas e as possibilidades de transformação que permeiam trocas de diálogos nos espaços escolares na perspectiva de um ensino intercultural. Ao abordar as vivências de ensinar e aprender as facetas da linguagem, é possível refletir sobre as identidades dos diversos grupos da comunidade de fala, os quais podem se expandir, gradativamente, no meio social para transformá-lo.

Ao refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, verifiquei a importância das práticas de letramentos na formação dos alunos e constatei, por meio dos dados da pesquisa, que são muitos os desafios que os professores enfrentam acerca da diversidade presente em sala de aula, mas é possível encontrar caminhos para uma aprendizagem significativa a partir de práticas pedagógicas que visem uma aprendizagem eficiente. As professoras, ao falarem de suas ações em sala de aula revelaram que entendem essa importância do letramento para a formação dos alunos e que, apesar dos desafios, elas têm desenvolvido uma aprendizagem centrada na vida deles. Depois de alcançar os três objetivos específicos foi possível, alcançar o objetivo principal desta pesquisa: “analisar como os professores de Língua Portuguesa do EF lidam com a diversidade cultural na sala de aula em relação às diferentes linguagens”.

Os dados revelam que os professores investigados buscam o reconhecimento das diversas linguagens presentes na sala de aula, de modo que o educando possa compreender e reconhecer as diferenças presentes na língua portuguesa.

Quanto à diversidade cultural na sala de aula no Ensino Fundamental em relação às diferentes linguagens, os dados me permitem dizer que as professoras participantes da pesquisa buscam por formação continuada e cursos de extensão na área para uma melhor compreensão da língua portuguesa, tentam diminuir as discordâncias na sala de aula que surgem devido à heterogeneidade da turma, explorando assim, as relações de diferentes formas da linguagem presentes na comunidade.

Considero, portanto, que os objetivos da pesquisa foram alcançados, todavia entendo que há, ainda, um longo caminho a ser percorrido para que a escola seja, de fato, um instrumento de afirmação de uma identidade pluricultural, devido às dificuldades de mobilização para uma educação intercultural livre de preconceitos. O que percebi, de fato, é

que há um desejo de mudança, existem algumas ações sendo empreendidas, no sentido de trabalhar com práticas textuais voltadas para a interculturalidade, mas ainda persistem algumas crenças limitantes justamente pela questão do preconceito linguístico e cultural.

Questões ligadas à diversidade cultural vêm-se ampliando no meio social, e a reflexão dessa realidade cresce cada vez mais entre os professores nos diversos âmbitos educativos, o que me faz visualizar a importância de outras pesquisas nessa área, afinando ainda mais o viés do letramento e do multiculturalismo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Pontes, 2003.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510/2016**. Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Interculturalidade e educação escolar. *In*: Encontro Nacional de didática e prática de ensino, Águas de Lindóia. **Anais II ...** Águas de Lindóia, SP: Vozes, 1998, p. 178-188.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (org.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13-37.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 240-255.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CAVALCANTE, Luciola Ines Pessoa. Formação de Professores na perspectiva do movimento dos Professores indígenas da Amazônia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, Manaus, jan/fev/mar/abr. 2003.

CHAUI, Marilena. Cultura e Democracia. **Crítica y Emancipación**, jun. 2008, p.53-76. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod\\_resource/content/1/Chau%20Cultura %20e%20Democracia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chau%20Cultura%20e%20Democracia.pdf). Acesso em: 4 abr. 2023.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. *In*: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FLEURI, Reinaldo M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. *In*: CANDAU, Vera M. (org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 67-81.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Carla Conti de. Multiletramentos na formação inicial de professores de línguas: das limitações às novas práticas curriculares. **Revista Coralina**, Cidade de Goiás, v. 1, n.1 fev., 2019, p. 67-80.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidade**. Barcelona: Gedisa, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnocultural. *In*: RAMOS, M.; ADÃO, J. M.; G. M. N. (org.) **Diversidade na Educação: Reflexões e experiência**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

JORDÃO, Clarissa Menezes. **As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital**. Campinas, 2007.

MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2012 [2000].

MIGNOLO, W. **O controle dos corpos e dos saberes**. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução André Langer. *Revista IHU*, São Leopoldo, jul. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo> Acesso em: 5 dez. 2019.

MONTE MOR, Walkyria. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. *In*: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio. MONTE MOR, Walkyria (org.). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. (Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.)

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin - ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. *In: Simpósio Internacional de Estudos e Gêneros textuais*, Tubarão, v. 5, 2007. **Anais...** Tubarão: Unisul, 2007, p. 1761-1775.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; ALMEIDA, Eduardo de Moura. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo, SP: Editora Cortez, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. *In: MAGALHÃES, Izabel (org.). Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

WALSH, Catherine. **(De)Construir la Interculturalidad: consideraciones críticas desde la política, la colonialidad y los movimientos indígenas y negros em el Ecuador**. 2002. Disponível em: <http://www.uasb.edu.ec/UserFiles/363/File/PonenciaLima1.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación**. Lima: Ministerio de Educación, Mimeografado, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: perspectivas críticas e políticas. *In: Congresso da Associação para a Pesquisa Intercultural (ARIC)*. Florianópolis, UFSC.



Anais eletrônicos, 2009. Disponível em: <http://aric.edugraf.ufsc.br/congrio/anais/artigo/767/textoCompleto>. Acesso em: 30 dez. 2020.

WALSH, Catherine; VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis. **Construyendo Interculturalidad Crítica**. 2010. Disponível em: <https://medhc16.files.wordpress.com/2018/06/interculturalidadcrc2a1tica-y-educacic2a6nintercultural1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2020.